

Afirmativa

Edição Especial Afroétnica Flink Sampa • Troféu Raça Negra 2015 • Edição 54

plural



Um Troféu Estrelado!

OF
TROFÉU
RAÇA N
A
2015

Martinho da Vila, Maria Júlia Coutinho e Wole Soyinka.

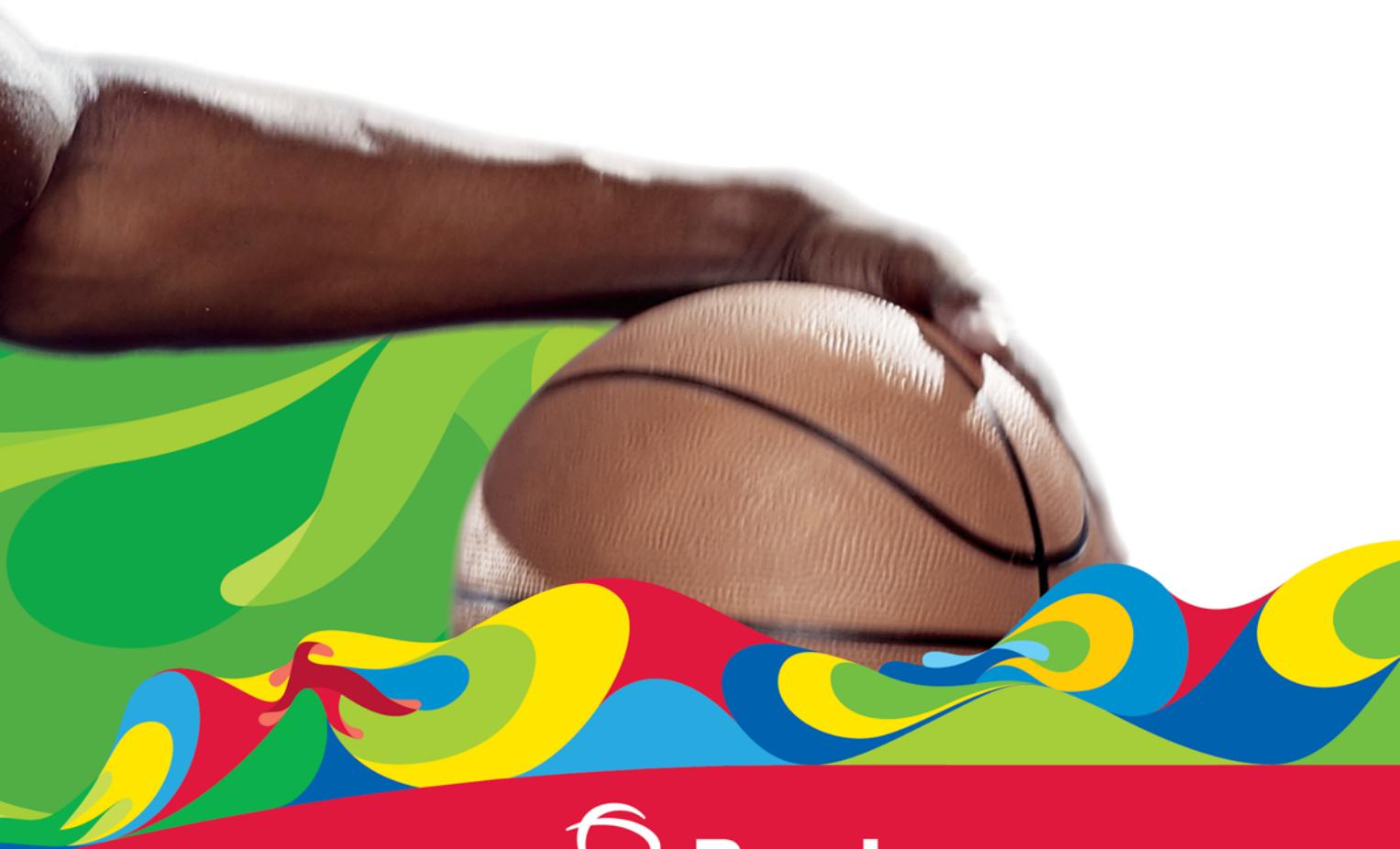


banco.bradesco [@Bradesco](#) [facebook.com/Bradesco](#)
Fone Fácil Bradesco: 4002 0022 / 0800 570 0022
SAC – Alô Bradesco: 0800 704 8383
SAC – Deficiência Auditiva ou de Fala: 0800 722 0099
Ouvidoria: 0800 727 9933



Onde tem BRA tem superação.

Bradesco. Patrocinador oficial dos Jogos
Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016.



Bradesco

Tudo de BRA para você.

Índice

Afirmativa Plural é uma publicação da Afrobras - Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural, Centro de Documentação, através da: Editora Unipalmares Ltda., CNPJ nº 08.643.988/0001-52. Com periodicidade bimestral. Ano 12, Número 54 - Av. Santos Dumont, 843 - Bairro Ponte Pequena - São Paulo/SP - Brasil - CEP 01101-080 - Tel. (55 - 11) 3325-1000. www.afrobras.org.br

CONSELHO EDITORIAL: José Vicente • Francisca Rodrigues • Paulo Rolim • Humberto Adami • Sônia Guimarães.

DIREÇÃO EDITORIAL E EXECUTIVA: Jornalista Francisca Rodrigues (Mtb.14.845 - francisca@afrobras.org.br).

Entrevista Especial

Prêmio Nobel de Literatura visita a Zumbi dos Palmares.....6

Flink Sampa

Flink Sampa se consolida.....12
Talentos premiados.....26

Seminário

Seminário sobre racismo inicia transformação no mundo do esporte.....30

Troféu Raça Negra

A raça homenageia Martinho.....52
Troféu Raça Negra, Único!.....60
Querem destruir a ancestralidade africana.....104

FOTOGRAFIAS: S.R. Foto & Vídeo e Adriana Barbosa

EDIÇÃO: Francisca Rodrigues

COLABORADORES: Eliane Almeida, Júlia Ramos, Rejane Romano, Sandra Manfredine e Zulmira Felício.

ASSINATURA E PUBLICIDADE: Maximagem Mídia Assessoria em Comunicação - Francisca Rodrigues - (francisca.rodrigues@afrobras.org.br) • Tel.(11) 3325-1000.

CAPA: S.R. Foto & Vídeo.

EDITORAÇÃO: Ponto a Ponto Comunicação • Tel. (11) 4325-0605.

Uma festa da literatura e do pensamento

A Flink Sampa nascem sob a perspectiva de ser uma Festa Literária e neste ano o movimento no Troféu Raça Negra também seguiu esta tendência. Não só pelo homenageado de ambas iniciativas ser o cantor, compositor e escritor Martinho da Vila, mas pelo fato de que o mundo das letras cada vez mais tem podido contar com grandes representatividades.

Um exemplo significativo disto é o escritor nige-

fletindo sobre os ícones do passado e dando vez e voz aos heróis do presente. Personagens que interagem no discurso do combate ao racismo.

Representantes nacionais e internacionais que falam a mesma língua e dizem em uníssono que há muito a ser feito. Como ocorreu na integração realizada com presenças do governo americano e brasileiro que debateram sobre o racismo no esporte. Ou ainda em meio às palestras de literatos dos mais

riano Wole Soyinka um símbolo na luta para que o conhecimento seja perseguido em sua máxima, a fim de quebrar paradigmas e desconstruir imaginários que até então são pautados pelo preconceito.

Um sujeito ímpar na literatura africana que em sua passagem pela Universidade Comunitária Zumbi dos Palmares e pelo Troféu Raça Negra demonstrou como poucos a firmeza de sua postura - física, espiritual e intelectual - como forma de contribuir para mudar conceitos.

Inúmeros foram os momentos de emoção apresentados nesta Afirmativa ocorridos entre os dias 12 e 15 de novembro.

Mais um ano onde a proposta de exaltar o protagonismo negro em nossa história mundial foi alcançada. Re-

diferentes locais do mundo que apresentaram seus feitos na literatura a fim de mostrar a importante e necessária presença do negro nesta área.

Foram dias de reflexão. De olhos marejados e brilhantes. De cabeças que, como em uma coreografia, assentiam com falas que deram conta de retratar a presença do negro desde o mundo da moda, do esporte, até a ínfima presença nos órgãos de governo.

Enfim, uma prova real sobre o que disse Soyinka em ocasião de sua participação em uma Conferência na Universidade Comunitária Zumbi dos Palmares:

“Não somos nada se não avançarmos no pensamento”.

*Boa leitura,
Rejane Romano.*

editorial

Prêmio Nobel de Literatura visita a Zumbi dos Palmares



Por Eliane Almeida.

Escritores negros ainda lutam para ocupar os espaços que as academias de letras dispõem. No universo da literatura mundial, poucos são aqueles que alcançam o mais alto grau do mundo literário. É o caso da grande personalidade internacional da Flink Sampa 2015. O nigeriano Wole Soyinka é Prêmio Nobel de Literatura e foi considerado o dramaturgo mais importante do continente africano.

Durante cerimônia na Biblioteca Joe Beasley, na Universidade Comunitária Zumbi dos Palmares, o escritor foi recebido por delegação norte-ame-

ricana representando as HBCU's (Universidades Historicamente Negras norte-americanas), alunos da Zumbi, escritores de Angola, Cuba, Brasil e Colômbia, além do corpo docente da instituição. Homenageado com placa comemorativa que marca sua estada na Universidade Comunitária Zumbi dos Palmares, o poeta, dramaturgo, homem orquestra, Wole Soyinka, pôde conversar com os presentes.

Afirmativa Plural: *Qual a importância da Mitologia Iorubá em sua obra literária?*

Wole Soyinka: Para se falar em mitologia é necessário se entender

como ela funciona na sociedade. E a sociedade não está completa. Temos a tecnologia, mas é preciso olhar para o indivíduo. Começo por este ponto para falar da importância da mitologia. Muitas celebridades vão a espaços de religião e não se comportam com respeito. Ninguém fala que as religiões europeias são mitologias, somente as religiões de matriz africana são tidas como mitologia.

A religião no mundo pode ser observada como ciclos da natureza. O nascimento da terra, os ciclos das estações nos mostram isso. Qualquer religião é baseada no ciclo da nature-



za. Essa consciência está integrada no meu trabalho. Quando ouço teorias sobre supercondutores me dá dor de cabeça. São pessoas que tentam dar base científicas nesses assuntos. Eles fazem teorias onde não há teoria. Tentam explicar o inexplicável.

A criatividade está na dança, na arte. Quando falamos de forças da natureza, damos nome a isso. Quando usamos palavras, trazemos para o real o que está no imaginário. Reproduzimos criatividade em tudo que fazemos. Agora vamos falar de negro.

Não podemos simplificar o sentido de **negritude**. Não podemos mais acreditar que Grécia é razão e África é ritmo. Isso é moldar o que não há molde. Desqualificar a força e o poder que vem da cultura africana. Quando outros autores falaram sobre isso, não conseguiram limitar o sentido de **negritude**.

Negritude não é um slogan, é um ato. Chamo de **tigritude** porque é uma ação como a do tigre. Ele age, ele vai e faz o que deseja. Pegamos todas estas expressões para podermos dimensionar o valor real do termo.

Afirmativa Plural: *Qual o significado de estar no Brasil? A tradição Iorubá é muito forte aqui.*

Wole Soyinka: Para que o conhecimento sobre a cultura ioruba seja realmente conhecida no Brasil é necessário que haja mais tradução. Os brasileiros precisam fazer mais traduções. O que estamos fazendo é renovar a relação entre Nigéria e Brasil porque reconhecemos nossa proximidade religiosa.

Estamos, em meu país, organizando festivais literários que têm como objetivo disseminar a produção nigeriana para os países do Mediter-

râneo. O festival se chama Negro no Mediterrâneo Azul. A iniciativa propõe confluência dos países Mediterrâneos e verificar o que é possível retirar desses encontros. Trabalhamos com poetas, escritores e pedimos que trabalhem junto com os escritores nigerianos. É um programa ambicioso.

Já conversei com os Ministros da Cultura e da Educação do Brasil e a ideia foi levar os babalorixás para que eles entendam a religião a partir de lá. Tentamos implementar o programa há alguns anos atrás, ainda no tempo do Presidente Lula. Nada aconteceu. Estamos agora retomando esta dis-

“ Não somos nada se não avançarmos no pensamento.

Wole Soyinka. ”

cussão com a Universidade Comunitária Zumbi dos Palmares. A intenção é levar representantes brasileiros para a Nigéria.

Afirmativa Plural: *Como o senhor interpreta as ações racistas islâmicas na França?*

Wole Soyinka: Estamos vivendo um momento bárbaro. Já possuímos conhecimento. Não somos nada se não avançarmos no pensamento. Somos bibliotecas que acumulam informação de tudo o que acontece em todo o mundo. Somos heranças dos conhecimentos estatizados. Por exemplo, temos universidades africanas mais antigas que as europeias. Existem grupos que focam na destruição do acervo construído por estas universidades. É muito difícil

saber qual é a real razão para destruir esse acervo da humanidade.

Nós somos culpados! Somos culpados pelo conhecimento que temos. Na Nigéria, os rebeldes vão às casas das pessoas e as degolam por terem enviado seus filhos à escola. Eles explodem universidades, queimam escolas, assassinam estudantes de escolas agrícolas. É tempo de Ogum. É tempo de combate. Uma face de Ogum é poesia. A outra é batalha. Não há diálogo. Somos simplesmente massa de manobra.

O líder cambojano, Pol Pot, em nome da religião, fechou escolas e as botou abaixo. A classe média foi destruída porque era crime pensar diferente do regime. Uma geração inteira de intelectuais foi extermínada e os livros foram proibidos.

Agora, vamos observar outro aspecto. Independente de nossa religião temos obrigação de defender as posições intelectuais. Temos que nos defender. Temos que ir mais longe do que o determinismo religioso pois algo muito estranho está acontecendo. Se nós não cuidarmos deles, eles cuidarão de nós.

É tempo de Ogum. É tempo de batalha.

O homem e sua história

Wole Soyinka, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 1986, esteve na Flink Sampa. Convidado diretamente por José Vicente, reitor da Universidade Comunitária Zumbi dos Palmares, Soyinka participou de atividades nos dois dias da festa do conhecimento, literatura e cultura negra, que aconteceu em 13 e 14 de novembro no Memorial da América Latina. A Flink é uma realização da Universidade e da Afrobras.

“ Negritude não é um slogan, é um ato. Chamo de tigritude porque é uma ação como a do tigre. Ele age, ele vai e faz o que deseja. ”

Wole Soyinka.



Escritor e homem das letras, nigeriano, Akinwande Oluwole Soyinka, conhecido como Wole Soyinka, nasceu em 13 de julho de 1934, em Abeokuta, perto de Ibadan. Filho de um mestre-escola e de dona de loja, teve uma educação cuidada. Concluiu seus estudos preliminares no Instituto Superior de Ibadan e seguiu para o Reino Unido onde, em 1954, matriculou-se no curso de Literatura Inglesa da Universidade de Leeds, finalizado em 1959.

Quando era estudante se tornou

um apaixonado pelo teatro. Perto de sua formatura já havia encenado algumas peças da sua autoria, como *A Quality Of Violence* (1959), *The Swamp Dwellers* e *The Lion And The Jewel*. Nesta última contava as andanças de um professor e de um ancião chefe tribal africano na tentativa de conquistar o coração de uma jovem. Todas as peças foram publicadas em um único volume, em 1963.

Em 1960 voltou à Nigéria. Após receber uma bolsa da Fundação Rockefeller fundou a companhia de teatro

The 1960 Masks. Nesse mesmo ano publicou *A Dance In The Forests* (1960), peça que celebrava a Independência da Nigéria e que combinava uma expressão tradicional africana com técnicas europeias do teatro de vanguarda. Em 1965 apareceu com *Kongi's Harvest* e *The Road*.

A Guerra Civil nigeriana estourou em 1967. Soyinka publicou nesse ano um artigo em que pedia a paz e foi imediatamente aprisionado e acusado de conspiração com os rebeldes. Libertado em 1969,

sobretudo por força dos protestos de escritores como Robert Lowell e Lillian Hellman, começou então a trabalhar como professor.

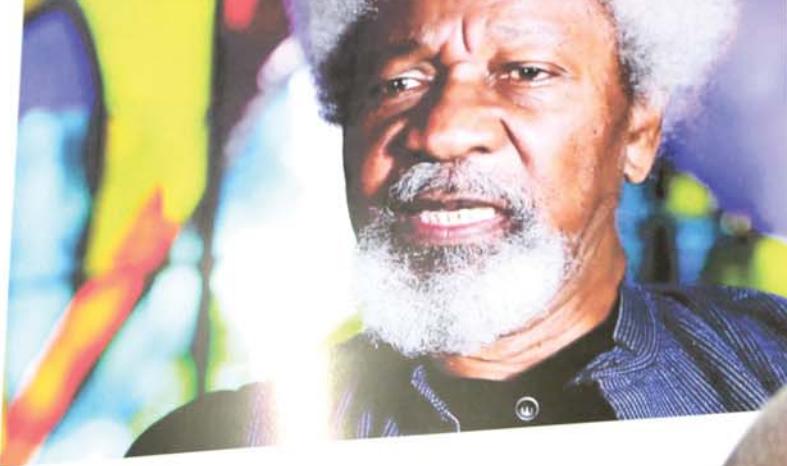
Em 1970, publicou *Madmen and Specialists*, uma peça de teatro que exprimia o seu descontentamento face à corrupção e à sede de poder em seu país. Em 1972, usou a sua experiência no cárcere para publicar *The Man Died*, obra que foi interditada em seu país. Sob as garras da censura que assombrava seu trabalho, abandonou a Nigéria, em 1972. Foi para a Inglaterra e se tornou professor convidado no Churchill College, de Cambridge. Doutorou-se pela Universidade de Leeds, em 1973. Durante esse período publicou obras como *Jero's Metamorphosis* (1972) e *Death and the King's Horsemen* (1975).

Mudou-se para Gana, em 1975, onde colaborou como editor com o periódico *Transition*. Regressou à Nigéria depois de um golpe de estado naquele país, passando a ocupar o cargo de professor catedrático de Inglês na Universidade de Ife. Em 1976, publicou *Myth, Literature, And The African World*, um célebre embrião do pensamento pan-africanista que o caracterizou.

Em 1993, participou de marcha de protesto contra o regime militar do ditador Sani Abacha, o que fez com que tivesse que deixar o país no ano seguinte, acusado de atentados à bomba contra o exército. Acabou regressando em 1998, após a morte de Abacha.

Soyinka ganhou o Prêmio Nobel da Literatura em 1986. Em 2001, publicou *King Baabu*, uma paródia de ditadores africanos. ■





WOLE SOYINKA

WOLE SOYINKA

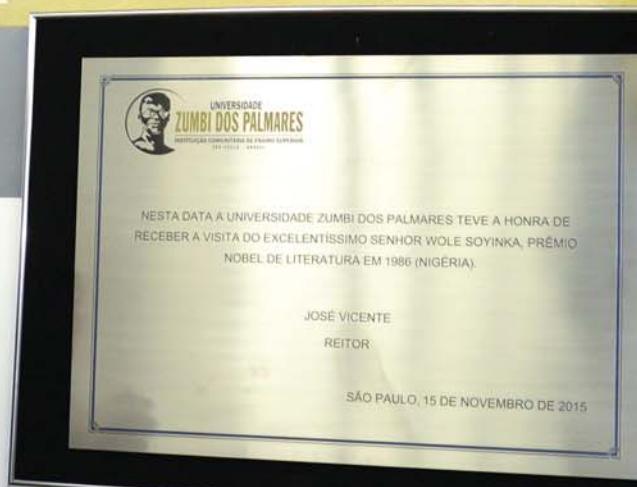
Akimvande Oluwale Soyinka, conhecido como Wole Soyinka, nasceu em Abeokuta, Nigéria, em 1934. Poeta, dramaturgo, romancista, crítico, editor e tradutor, ganhou o Prêmio Nobel de Literatura em 1986, o primeiro atribuído a um escritor africano. Participou ativamente da luta pela independência de seu país nos anos de 1960 e, com seus escritos, continuou na luta, apesar das pressões e ameaças dos ditadores que chegaram ao poder após a independência. Seus livros descrevem as fases sociais, políticas e culturais da Nigéria. 'Quem se cala diante da tirania está deshonrando a memória de todos os que lutaram contra ela', é uma observação sua. Peça A Rainha do Deserto (1963) é escrita para a celebração da independência da Nigéria, mesmo exilado em Paris, manteve aciso o fogo da democracia em seu país. Outras suas principais obras são The Lion and the Jewel (1963), The Interpreters (1965), Man Died (1972) e The Past Must Address its Present (1986).



UNIVER

ZUMBLDOZ

29/10/2018
INSTITUÇÃO COMUN





Consagrada entre as mais importantes festas literárias do Brasil e do exterior, a Flink Sampa provou mais uma vez que a arte negra brasileira é um show à parte

A terceira edição da Flink Sampa Afroétnica sob o lema “Eu quero respirar!” cresceu e está mais rica em atrações. “Pelo número de convidados internacionais e nacionais presentes ao encontro é possível constatar que a Flink já se consagra entre as quase 260 festas literárias existentes. Esse viés da atenção especial aos autores negros faz da Flink a casa de todos”, sintetiza o escritor e curador da mostra, Uelinton Farias Alves satisfeito com

o resultado do evento, que reuniu um público significativo nos dias 13 e 14 de novembro, no Memorial da América Latina, em São Paulo.

Curador da Flink Sampa, juntamente com professora mineira Guiomar de Grammont, Alves afirma que “nesta terceira edição, a festa literária - que nasceu com Cruz e Souza e festejou o centenário de nascimento de Carolina Maria de Jesus, respectivamente - atingiu o ponto de

maturação. Este ano homenageamos a pessoa querida do cantor e escritor Martinho da Vila, autor de 14 livros. Ressaltamos o prestígio desse evento reunindo presenças ilustres, como um dos maiores dramaturgos, Wole Soyinka, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 1986, que veio exclusivamente para fazer uma conferência, realizada na manhã de domingo na Universidade Comunitária Zumbi dos Palmares”, destacou Alves. Na oportunidade o Nobel falou sobre

ENTO, LITERATURA E CULTURA NEGRA

COME - BIENVENIDOS

PATROCÍNIO
 Avianca  Coca-Cola Brasil  SEBRAE  VALE  BNDES  Ministério da Cultura  

se



‘tigreitude’, criatividade e a necessidade de estreitar laços entre artistas brasileiros e africanos, e citou seu projeto “O negro no mediterrâneo azul”.

“Realmente, a Festa do Conhecimento, Literatura e Cultura Negra 2015 que este ano tem como patrono Martinho da Vila - também agraciado com o Troféu Raça Negra - começa a produzir bons resultados. De tal maneira, que registramos muitos representantes da América do Sul. Isso tudo serve de referência de que seguramente a Flink Sampa se torna cada vez mais um evento forte e consagrado, dentro do mês da Consciência Negra”, evidencia o reitor

da Universidade Comunitária Zumbi dos Palmares, José Vicente. A Flink Sampa é realizada pela Universidade Comunitária Zumbi dos Palmares e a Sociedade Afrobrasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural (Afrobras).

Elenco de autores convidados

A curadora Guiomar de Grammont explica que “o elenco de autores foi estruturado a partir de uma árdua e intensa pesquisa. Foram reunidos participantes de varias nacionalidades. Além de importantes autores brasileiros. De 12 a 14 novembro

recebemos na Flink Sampa, também 10 autores das seguintes nacionalidades: 4 angolanos, 1 colombiana, 1 cubana, 1 francês, 1 autora da Costa Rica; 1 de Moçambique e a estrela maior do evento, o nigeriano Wole Soyinka, um dos mais importantes escritores do mundo, considerado o mais notável dramaturgo da África. Esse autor, que recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1986 e participou ativamente da luta política em seu país, é também um dos mais importantes pensadores contemporâneos sobre a questão da negritude.

Além de Soyinka, tivemos a participação de Pepetela, que fundou a União



de Escritores Angolanos, foi vice-ministro da Educação e, em 1997 ganhou o prémio Camões pelo conjunto de sua obra, na qual se encontram alguns dos mais importantes romances da literatura contemporânea, como *Mayombe* e *a Geração da Utopia*.

Contamos ainda com a participação dos angolanos Lopito Feijó, poeta e crítico literário angolano, um dos fundadores da Brigada Jovem de Literatura de Luanda (BJLL) e do Coletivo de Trabalhos Literários OHANDANJI e Luís Fernando, romancista e jornalista que recebeu o Grande Prémio Maboque de Jornalismo, a maior distinção anual da profissão em Angola. Além disso, gostaríamos de destacar também Mary Grueso Romano, poeta, educadora e





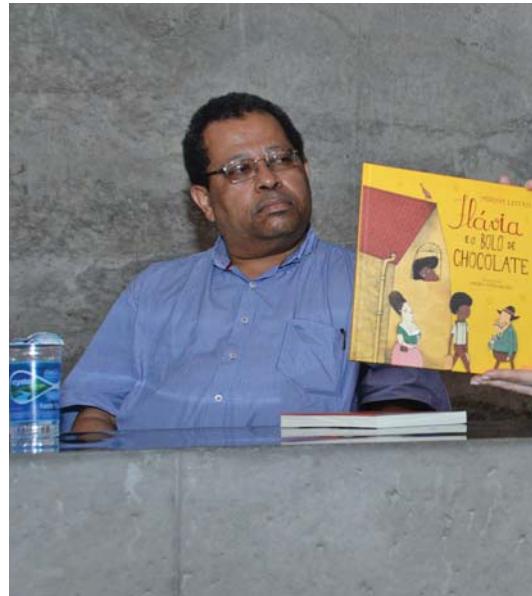
ativista social da Colômbia; Teresa Cárdenas, escritora, poeta, atriz, contadora de histórias e assistente social cubana, considerada uma das vozes mais relevantes da literatura para crianças e jovens, Caryl Férey, escritor francês que recebeu inúmeros prêmios, o qual obteve o Grande Prêmio de Literatura Policial 2008 com o romance Zulu; Shirley Campbell Barr, poeta, antropóloga e ativista costariquenha; Ungulani Ba Ka Khosa (Moçambique), atualmente diretor do Instituto Nacional do Livro e do Disco de Moçambique, o qual recebeu o Prêmio Nacional de Literatura, entre outros prêmios e consta da lista dos cem melhores autores africanos do século XX.

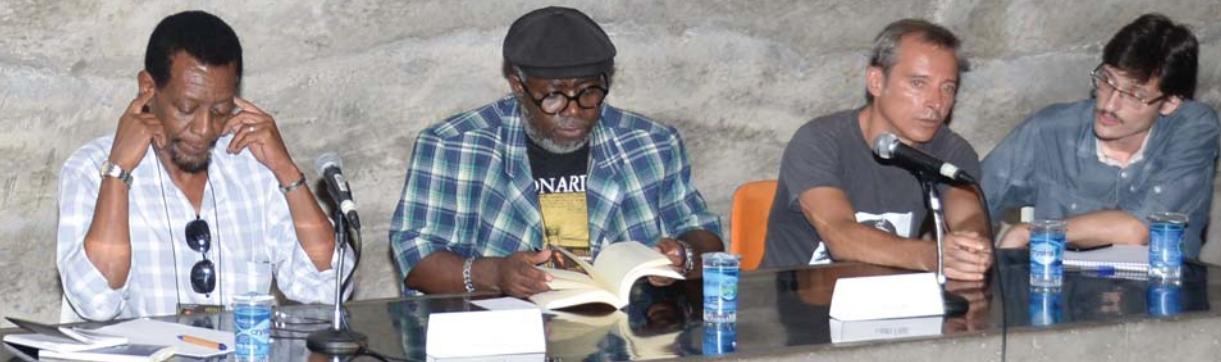
Dentre os autores brasileiros recebemos



o grande autor Nei Lopes, premiado com o Jabuti, compositor e intérprete de música popular, além de escritor e estudioso das culturas africanas, no continente de origem e na Diáspora, que publicou vasta obra de mais de 30 livros, centrada na temática africana e afro-originada. Contamos também com a participação de Conceição Evaristo, escritora pesquisadora e educadora, que tem seus livros traduzidos em diversos países. Recebemos também Manto Costa, escritor, jornalista e historiador carioca, de uma prosa extremamente inventiva; Elisa Larkin Nascimento, pesquisadora e ensaísta que preside o Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO) responsável pelo acervo de Abdias Nascimento; o mara-

nhense Salgado Maranhão, poeta, jornalista, compositor (letrista) e consultor cultural que ganhou vários prêmios, entre os quais o Jabuti, e o prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras do Pen Clube. José Jorge Siqueira; poeta e historiador, autor de obras muito importantes, nos anos 80, um dos membros do Grupo Negricia, do Rio de Janeiro; a grande jornalista e escritora Míriam Leitão e o importante Arnaldo Niskier, da Academia Brasileira de Letras. Recebemos ainda Paulo Pereira, ensaísta, professor, pesquisador e crítico literário, com mais de uma centena de estudos publicados sobre a cultura brasileira; Cristiane Sobral, jovem poeta, muito profícua que atua também em cinema e teatro; Éle Semog, que atua





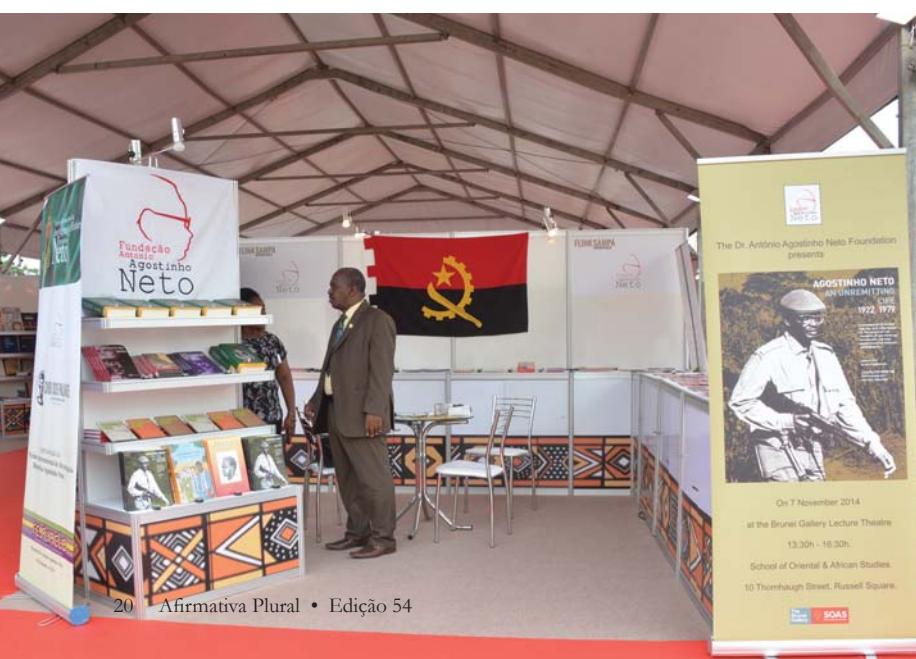






no campo da literatura negra como poeta e contista, fundou os Grupos Bate-boca de Poesias e Negrícia - Poesia e Arte de Crioulo, entre outros movimentos culturais; Emílio Júlio Braz, escritor com quase duzentos títulos publicados, roteirista de televisão, suas obras tiveram prêmios no Brasil e no exterior, inclusive o Jabuti, com seu primeiro livro infanto-juvenil "Saguairu". Também o ator e ativista Lázaro Ramos participou do evento, lançando seu livro O Caderno de Rimas de João, voltado para o público infanto-juvenil, com a participação do ilustrador Mauricio Negro", destaca de Grammont.

"Essa festa é uma forma de aumentar o conhecimento. Apropriar e dividir com o público é o nosso objetivo maior. A partir da





primeira edição da Flink, a literatura ganhou novos rumos. Também descobrimos talentos, dando oportunidade nunca vista aos escritores negros, aos que escreverem sobre o negro e aos jovens talentos. Diversificar também com outras atrações que promovem a cultura e o entretenimento é uma forma de unir povos de todas as nações", complementa a diretora da Flink Sampa, Francisca Rodrigues.

Esporte, um capítulo à parte

Neste sentido, também o esporte, principalmente o paraolímpico pouco explorado nos grandes eventos, teve espaço de reconhecimento na Flink. Além das ações promovidas ao ar livre, como os rapazes dos times de







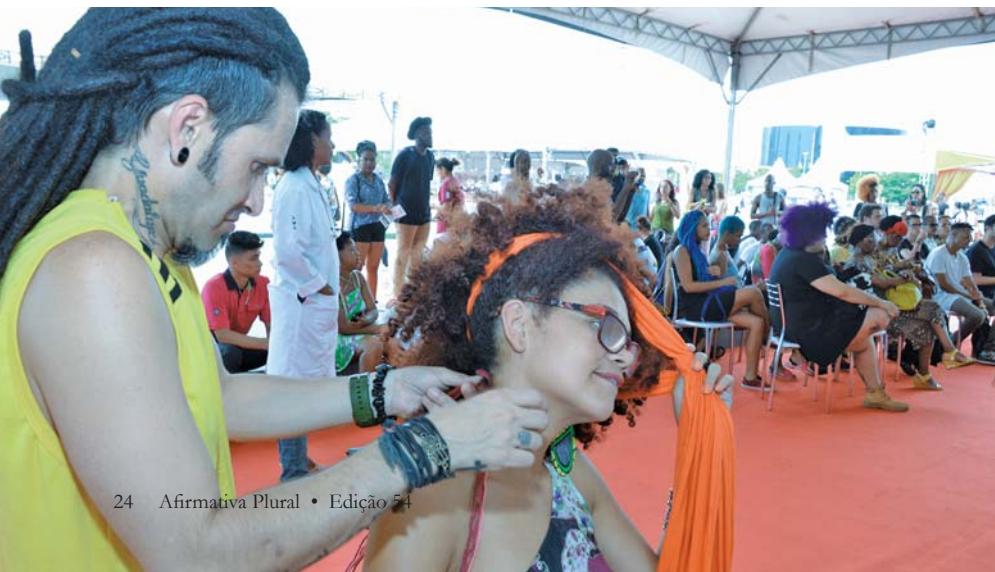
basquete 3X3, a principal iniciativa foi a Conferência Internacional Educação, Conhecimento, Diversidade e Ações Afirmativas que abordou o tema “Racismo no esporte: da educação ao legado olímpico”, cuja abertura oficial ocorreu na noite de 12 de novembro, no Memorial da América Latina. Já as mesas de debates aconteceram no dia seguinte nas dependências da Uninove, campus Memorial (Barra Funda).

Importante assunto em discussão, tendo em vista que o Brasil irá sediar as Olimpíadas em 2016, a conferência reuniu os secretários da Cultura de São Paulo e da Promoção da Igualdade Racial, respectivamente, Nabil Bonduki e Maurício Pestana,

o secretário adjunto da Secretaria de Estado da Pessoa com Deficiência, Marco Pelegrino, o secretário nacional de Futebol, Rogério Hamam, Gerson Bordignon, da Caixa Econômica Federal, patrocinadora do Seminário, os americanos Meldon Hollis e Joe Beasley, com exemplos de ações desenvolvidas em seus países, e atletas brasileiros, como Daiane dos Santos, Lica de Oliveira, Hélia Souza (conhecida como Fofão) e Robson Caetano.

Concurso, forte emoção

Não foram poucas as pessoas que se emocionaram durante a premiação do Concurso Flink Sampa de Literatura “Uma lenda viva do samba bra-





sileiro”. Essa segunda edição reuniu mais de 90 mil participantes (crianças, jovens e adultos), alunos do sistema do Serviço Social da Indústria (Sesi) que se inspiraram no livro de Martinho da Vila “Nascimento do samba”. Foram premiados os dez primeiros colocados de três categorias, de um total de 70 trabalhos selecionados.

Exposições, fotos, vídeos, livros, enfim uma verdadeira galeria ofereceu entretenimento diverso ao público frequentador de Flink Sampa. Foram idealizados espaços únicos, cada qual com um tipo de apresentação: de saraus a espetáculos. No Espaço Eu Quero...Beleza, por exemplo, a miss Brasil de 1986, Deise Nunes, a miss

Pinhais 2015, Luciana Tavares dos Santos, as atrizes Gabi Dias e Érica Januza deram dicas de beleza para uma plateia ávida em conhecer as dicas das beldades.

O Espaço Empreendedores Eu Quero...Negócios, nos dois dias da festa, serviu para expor artesanato, moda e cultura e, é claro, promover a geração de negócios. Já o palco montado no Memorial serviu para atrações diversas: coral, dança, capoeira, hip hop, shows do Black Luxury e Equipe Swag e Tony Tornado, entre outros.

Enfim, a Flink Sampa, mais uma vez, conquistou crianças, jovens e adultos. Que venha a Flink Sampa 2016. ■



talentos premiados

Por Zulmira Felício

Concurso Literário “Uma lenda viva do samba brasileiro” envolveu mais de 90 mil alunos

Podemos mudar a história com a disseminação do conhecimento. É a proposta do Concurso Literário Flink Sampa, cuja segunda edição, inspirado no livro “Nascimento do samba”, de Martinho da Vila, envolveu a participação de mais de 90 mil alunos do sistema Sesi São Paulo. A cerimônia de premiação do Concurso Literário “Uma lenda viva do samba brasileiro”, durante a festa, ocorreu com as presenças do homenageado da Flink Sampa 2015, Martinho da Vila; do diretor do Senai-SP e superintendente do Sesi-SP, Walter Vicioni Gonçalves, do reitor da Universidade Comunitária Zumbi dos Palmares, José Vicente; do professor de Língua Portuguesa da Zumbi dos Palmares, João Caetano Campos Andrade.

A Afrobras, a Universidade Comunitária Zumbi dos Palmares e o Sesi estabeleceram uma parceria para a segunda edição do concurso que reuniu alunos de sexta a nona séries

do ensino Fundamental, médio e de jovens adultos da instituição. *“A ideia é reforçar o hábito da leitura e despertar o prazer literário junto aos alunos da rede Sesi/Senai”*, comunicou Vicioni Gonçalves. Durante a Flink, o Sesi lançou a obra “Barras, Vilas & Amores”, de Martinho da Vila. *“Estávamos à procura de um autor negro da língua portuguesa e Martinho é um literato que sabiamente brinca com as palavras”*, disse Vicioni Gonçalves, argumentando a razão da escolha feita pela instituição.

“Assim como nas edições anteriores do Concurso Literário que homenageou Cruz e Souza, Carolina Maria de Jesus e, este ano, Martinho da Vila, estamos muito felizes com o apoio de parceiros (Sesi/Senai e Fiesp) que trabalham pela disseminação do conhecimento na instituição e contribuíram para que pudéssemos crescer nesses três anos. Agradeço a todos os nossos parceiros: Memorial da América Latina, Prefeitura Municipal de São Paulo, Governo do Estado de São Paulo, BNDES, Banco Itaú, Ministério da Educação e Ministério da

Cultura. Além da Flink, também estamos realizando uma conferência internacional, evento que acontece nas dependências da Uninove com representantes de dez universidades estrangeiras”, enfatizou José Vicente, por ocasião da entrega dos prêmios aos vencedores do concurso.

João Caetano Campos Andrade, professor de Língua Portuguesa da Universidade Comunitária Zumbi dos Palmares foi o responsável pela seleção dos textos premiados. Coube a ele selecionar os dez melhores trabalhos das três categorias, dentre os 70 textos escolhidos pelo Sesi. Parabenizando os alunos do Sesi/Senai, ele fez questão de dizer da dificuldade em avaliar os trabalhos em função do altíssimo nível. *“Principalmente, entre os quatro primeiros colocados do Ensino Médio”*, comentou.

Para abrilhantar ainda mais a cerimônia de premiação houve uma apresentação de dança com os alunos deficientes auditivos do Sesi de Cotia. ■

2º Concurso Flink Sampa de Literatura

Nome: Vitória Cristina Da Cruz
Scomparim - Ensino Médio
Nível 1 – 1º Lugar.

O Samba e Martinho da Vila

Quando te perguntarem
Onde o samba surgiu,
Se foi no Rio ou na Bahia
Diga que foi no Brasil.

O samba é cultura,
Retrato do Brasil
Onde o corpo sacode
E o coração vai a mil.

Se ao ouvir o ritmo,
Sentimos alegria;
Se dançarmos,
A alegria contagia.

No som da batida
O cavaquinho e o pandeiro
Mostrarão ao mundo
O orgulho brasileiro.

No carnaval é o encanto
Nos pés o passinho
Na voz o samba
É o talento de Martinho

E para concluir,
É devagar, devagar, devagarinho
Que a vida continua
E vou tomando meu caminho.

Pseudônimo: Copas

Nome: Thais Montenegro De Oliveira
Ensino Médio - **Nível 2 – 1º Lugar**

Voz do Guerreiro - Iná de Angola
Foi nas batidas dos tambores que
tudo começou
Saiu lá de dentro do agogô
Mas cultivado com muito amor
Então sonha nego! Nego sonhou.

Eu sou o toque da liberdade
Um toque de alegria e de amor
Sou o sangue queimado nas veias
De cada sambista criador
Então samba nego! Nego sambou.

Sou a lembrança dos quilombos
Um príncipe herdeiro sonhador
Na sofrência da vida cantei o amor
Então vença nego! Nego venceu.

Estou em cada canto levando
meu cantar
Na Vila Isabel, Sapucaí e Estácio
de Sá
Sou Martinho da Vila, sou sangue
guerreiro,
Sou alegria, sou cor!
Então conquista nego! Nego
conquistou.

Nome: Antonio de Souza – Eja
Nível 3 – 1º Lugar

Popular

Para falar de Martinho da Vila é
preciso compostura
É lembrar a raça negra do tempo
da escravatura
Que trouxe um ritmo novo para
alegrar nossa cultura

É do samba que eu falo, deste
ritmo envolvente
Só basta uma batucada que já atrai
tanta gente
É negro, é branco ou pardo, não
importa sua cor
Até os gringos vêm de longe pra
sentir o sabor

O samba nasceu na Bahia, lá pelo
século XIV
É ritmo africano que até hoje nos
comove
Mas foi no Rio que ele se
tornou nobre
Encontrando no Rio talentos e

mais talentos
O Samba foi se destacando e
nunca se perdeu ao vento
Eu sei que com o passar do tempo
o ritmo foi melhorado
Mas samba sempre foi samba, não
perdeu a majestade.

Ele foi samba de roda, de breque,
samba enredo

Mas pra manter nossa cultura o
negro tem seu segredo
É lutar por suas origens sem ter
vergonha, nem medo

O samba é nossa cultura
conhecida até no estrangeiro
Para isso Martinho da Vila foi
grande pioneiro
Levando nossa cultura para este
mundo inteiro

Quem falar que não conhece nem
um samba do Martinho
Uma dica vou lhe dar: raciocina
um pouquinho
Não precisa nem ter pressa,
“É devagar, é devagar, devagarinho”

Autor: Ninim

Nome: Matheus Henrique Neves
Alves – Ensino Fundamental
Nível 1 – 2º Lugar

Batuques Do Coração

Já ouço nas batucadas
Muitos pandeiros e um tamborim
Vejo as morenas dançando nas
sacadas
Parece que a noite hoje não vai
ter fim

Muita alegria e muita cantoria
Moços elegantes soltam uma
melodia
As morenas estão com o samba
no pé
Mas não deixam de lado a sua fé

Nessa festa o que não falta é
instrumento
Tudo aqui é tocado com
sentimento
Never falta um agogô ou violão
Tudo é dançado com alegria e
emoção

Nessa vila o seu sonho se torna
realidade

A tristeza acaba e surge felicidade
Todos aqui fazemos parte de uma
comunidade
Na qual a batucada é a nossa
prioridade

Certamente outono, primavera e
verão virão
Mas o samba sempre estará em
nossa coração
Virão tempestades e redemoinhos
para abalar
Mas o batuque sempre nos fará
dançar

Afinal, o samba mora do lado
esquerdo do peito
De branco, do negro sem
preconceito
Ah, muito prazer!
Quer saber meu nome?

Não é preciso procurar
Onde há samba
Eu estou lá
Sou negro sambista e compositor
Sou Vila Isabel com muito amor!

Salve azul e branca
Fiel a ela eu sou
Assim como meu amigo Noel
Um dia ela me enfeitiçou!

Pseudônimo: Samba Apaixonado

Nome: Beatriz Meier De Almeida
Ensino Médio – Nível 2 – 2º Lugar

Poema dos Arrojados

Em 1500, tambores rufaram
Verde, azul e amarelo, avistaram.
Terra fértil, terra vasta
Por mãos vigorosas, adjurava.
Povo vívido e enérgico

Naquela terra, foi colocado.
Terra privilegiada!

Arrojados e valentes
Na senzala era deixados
No escuro, nada se via
Mas silêncio, não se fazia
Festa de Caboclo
Festa de Candomblé
Festa de Umbanda
Festa do Círio de Nazaré¹
De festa em festa,
Uma cultura abrangia,
O pulso pulsava, e ali eclodia.

Depois do trabalho,
Do suor derramado,
Novo ritmo que surgia
Ritmo tão envolvente
Causava até Disritmia!
“Canta Canta, Minha Gente!”
- e o povo todo se unia.

Devagar, devagarinho
Popular tornou-se
Pandeiro e cavaquinho.
Mãos calejadas,
Sangue do pelourinho
Açoite nas costas.
Coitadinhos? Que nada!

A Roda de Samba ainda animava:
“Venha depressa, correndo pro
samba
Porque a lua já vai se mandar
Afina logo a sua viola
E canta samba até o sol raiar”

Para cada noite: uma música.
Para cada música: uma esperança.
Em 1888, concluiu-se a dança!
Lágrimas caíam, choravam

felicidade!

O povo vívido e enérgico? Não!
Quem chorava então?
A viola e o cavaco!

Pseudônimo: Sophia Hipátia

Nome: Guilherme Jean Montovan
Dellazari – Eja – Nível 3

Obrigado, Seu Prefeito!

Chega pra cá meu amigo, que
agora eu vou falar
Um pouco sobre o samba, a arte
de pagodear
Sua semente é forte, de origem
africana
Foi plantada no Brasil, na capital
baiana

No som do pandeiro, reco-reco
e do tambor
A gente cantaria a noite inteira
O nosso lamento e a nossa dor
Que mais adiante veio se
transformar
Tudo em paz e amor

Mas não se engane meu amigo
Antes era complicado
Para poder tocar um samba
A gente sofria um bocado

Não se podia sair na rua
Com um cavaquinho na mão
Que o “seu” polícia vinha
Querendo tirar satisfação

Mas graças ao “seu” prefeito, tia
Ciata e o Martinho
A gente tem samba, bossa-nova,
pagode e o chorinho
Tem Jorge Aragão, e o Zeca, o
Bezerra entre outros mil
E o samba tomou conta dos quatro
Cantos do Brasil.

Pseudônimo: Dellazari



Da esquerda para direita: João Caetano, José Vicente, Martinho da Vila e Walter Vicioni.

seminário sobre racismo inicia



A IV Conferência Internacional Educação, Conhecimento, Diversidade e Ações Afirmitivas, que discutiu o tema Racismo no Esporte em mesas de debates, nas dependências da UNINOVE Campus Barra Funda, foi encerrada com a leitura do seu principal objetivo: a Carta de Adesão à Iniciativa do Esporte pela Igualdade Racial. O ministro do Esporte, George Hilton, a ministra das Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos, Nilma Gomes e o reitor da Universidade Comunitária Zumbi

dos Palmares, José Vicente, ouviram e referendaram o documento, que torna o movimento uma iniciativa oficial do Governo Federal. A IV Conferência Internacional Educação, Conhecimento, Diversidade e Ações Afirmitivas foi realizada pela Universidade Comunitária Zumbi dos Palmares e pela Afrobras. O patrocínio foi da Caixa Econômica Federal.

Foram dois dias de intensas discussões sobre Racismo no Esporte. Depois de discussões sobre o papel da mídia e de seus profissionais no com-

bate ao preconceito e aplicabilidade da legislação no crime de racismo, a Carta foi apresentada ao público e garantiu a discussão da questão nas altas esferas do poder.

O Auditório da Secretaria de Estado da Pessoa com Deficiência do Memorial da América Latina, local onde o seminário foi aberto, também foi o espaço do encerramento. José Vicente, reitor da Universidade Comunitária Zumbi dos Palmares e idealizador da iniciativa, explicou os passos dados até a concretização

transformação no mundo do esporte

Por Eliane Almeida, Wagner Prado e Zulmira Felício



deste objetivo. “O racismo no esporte tem feito as pessoas enfrentarem, sem máscaras, o preconceito que existe em todos os níveis. Discutir e cobrar do governo uma política mais rígida é necessário”, diz o reitor.

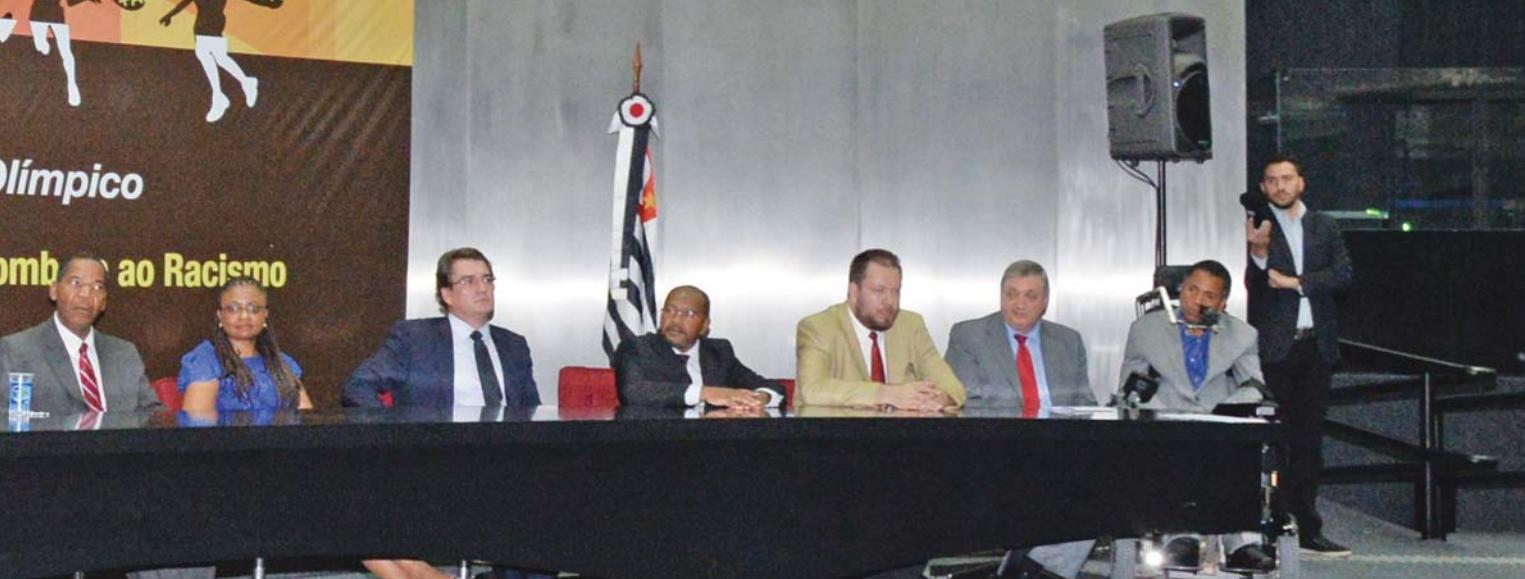
O Ministro dos Esportes, George Hilton, esteve presente à cerimônia. Disse entender a gravidade do assunto e estar disposto a fazer o que estiver ao seu alcance para mudar o quadro. “Estivemos nos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas, em Palmas, e ficou bem claro o poder do esporte na superação de barreiras como etnias, idiomas, raça, religião. Foi um

evento muito bonito, no sentido da inclusão social. Temos vários outros exemplos que, por meio do esporte, tem solucionado conflitos”, disse o ministro.

A Ministra Nilma Gomes, da pasta das Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos também esteve presente e avalizou a ação. Nilma falou do prazer em participar deste projeto que tem a função de transformar a sociedade. “Estou confiante de que essa campanha que faremos vai ser importante para conscientizar as pessoas e acabar de vez com o preconceito. Agora,

com o apoio do Ministério do Esporte, a proposta fica mais forte. Será um legado que, inclusive, a Olimpíada deixará”, explica a ministra.

Os parceiros internacionais presentes representavam órgãos oficiais do Governo Norte Americano, apoiadores da Carta. Dr. Meldon Hollis, enviado especialmente pelo Presidente Barack Obama, dirige a Iniciativa e Educação da Casa Branca e representa mais de cem Universidades Historicamente Negras (HBCU’s). A Universidade Comunitária Zumbi dos



Palmares, realizadora da conferência, está incluída nesse hall. O reverendo Jesse Jackson, personalidade histórica no combate ao racismo e outras formas de discriminação, mandou ao Brasil o diretor de Relações Internacionais da Rainbow Push Coalition, James Gomez. A Rainbow é a ONG comandada por Jackson e que trabalha ativamente na luta pelos direitos civis e justiça social.

As empresas parceiras da Universidade Comunitária Zumbi dos Palmares e da ONG Afrobras, organizadora do evento, também

fizeram coro ao documento e se comprometeram em, dentro de suas estruturas, fomentar a igualdade e combater o preconceito.

Além do ministro do Esporte, George Hilton; da Ministra das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos, Nilma Gomes, o reitor da Universidade Comunitária Zumbi dos Palmares, José Vicente; também participaram da cerimônia de assinatura da Carta Compromisso Gerson Bordignon, Superintendente da Caixa Econômica Federal; o presidente da Ordem dos Advogados do

Brasil (OAB Nacional), Marcus Vini- cius Coelho; o secretário-adjunto da Secretaria do Estado de São Paulo dos Direitos da Pessoa com Deficiência, Marco Pellegrini; o vice-presidente do Conselho Deliberativo da Associação Atlética Ponte Preta, Tagino Alves dos Santos; o representante da Advo- cacia Geral da União (AGU), Tércio Issami Tokano; o representante da Confederação Brasileira de Futebol, Diogo Neto; o diretor-adjunto da Sociedade Esportiva Palmeiras, Higor Marcelo Maffei Bellini; o diretor regional do Banco do Brasil, Mau-



rício Lambiasi; o deputado federal, Orlando Silva e o representante do Bradesco, Fábio Dragone.

A Carta Compromisso

“Essa carta não ficará apenas no papel. Servirá de guia para as nossas ações contra o racismo. Além do mais, digo a José Vicente que essa bancada neste evento forma um tripé – governo, parceiros/clubes e a Universidade Comunitária Zumbi dos Palmares – capaz de dar condições e de elaborar políticas públicas com ações afirmativas que se tornem reais. Uma dessas ações que foi anunciada é a criação da Maratona Zumbi dos Palma-

res, de caráter anual, que visa celebrar esse herói de todos nós brasileiros”, afirmou o ministro do Esporte, George Hilton.

Especializado em corridas de curta distância, Robson Caetano que, inclusive, participou de quatro Jogos Olímpicos é possivelmente o maior velocista da história do atletismo brasileiro, e a ex-jogadora de vôlei, jornalista, modelo e atual atriz Lica de Oliveira, foram os mestres de cerimônia que tiveram a incumbência de ler, para conhecimento público, o teor da carta.

O objetivo do documento é al-

cançar dirigentes esportivos, treinadores, árbitros, atletas, desportistas em geral, torcedores, membros da imprensa, lideranças de empresas de comunicação, lideranças empresariais, patrocinadores, operadores do direito desportivo, membros de organizações governamentais e não governamentais, pessoas ligadas direta ou indiretamente ao mundo do esporte. Em dez compromissos, a Carta foi elaborada para dar conta da criação de mecanismos que defendam atletas, profissionais e sociedade de novos episódios de racismo nos espaços esportivos.



Pontos da Carta:

1. Trabalhar ativamente pelo enfrentamento do racismo e pela promoção da igualdade racial em nossas atividades no mundo do esporte, sobretudo nós, lideranças, dirigentes, pessoal com alta responsabilidade sobre as atividades.

2. Promover igualdade de oportunidade e tratamento justo a todas as pessoas sempre que estiver sob nossa responsabilidade contratar, promover, educar, treinar ou liderar pessoas em grandes organizações.

3. Promover ambiente respeitoso, seguro e saudável para todas as pessoas em nossas organizações, eventos ou qualquer lugar sobre o qual temos responsabilidade.

4. Sensibilizar e educar para o respeito e a promoção da diversidade racial, utilizando de todos os meios ao nosso alcance para falar sobre o tema e sua importância, incluindo

o cuidado com a comunicação e o marketing, suas oportunidades para rejeitar o racismo e promover o valor da diversidade humana.

5. Estimular e apoiar a participação e articulação da população negra nas atividades relacionadas a estes compromissos.

6. Promover o respeito à diversidade racial nas relações envolvendo patrocínio a atividades esportivas, compartilhando esses compromissos, seus princípios e regras básicas para enfrentamento solidário do racismo e as consequências para a inobservância do tema em contratos de qualquer natureza.

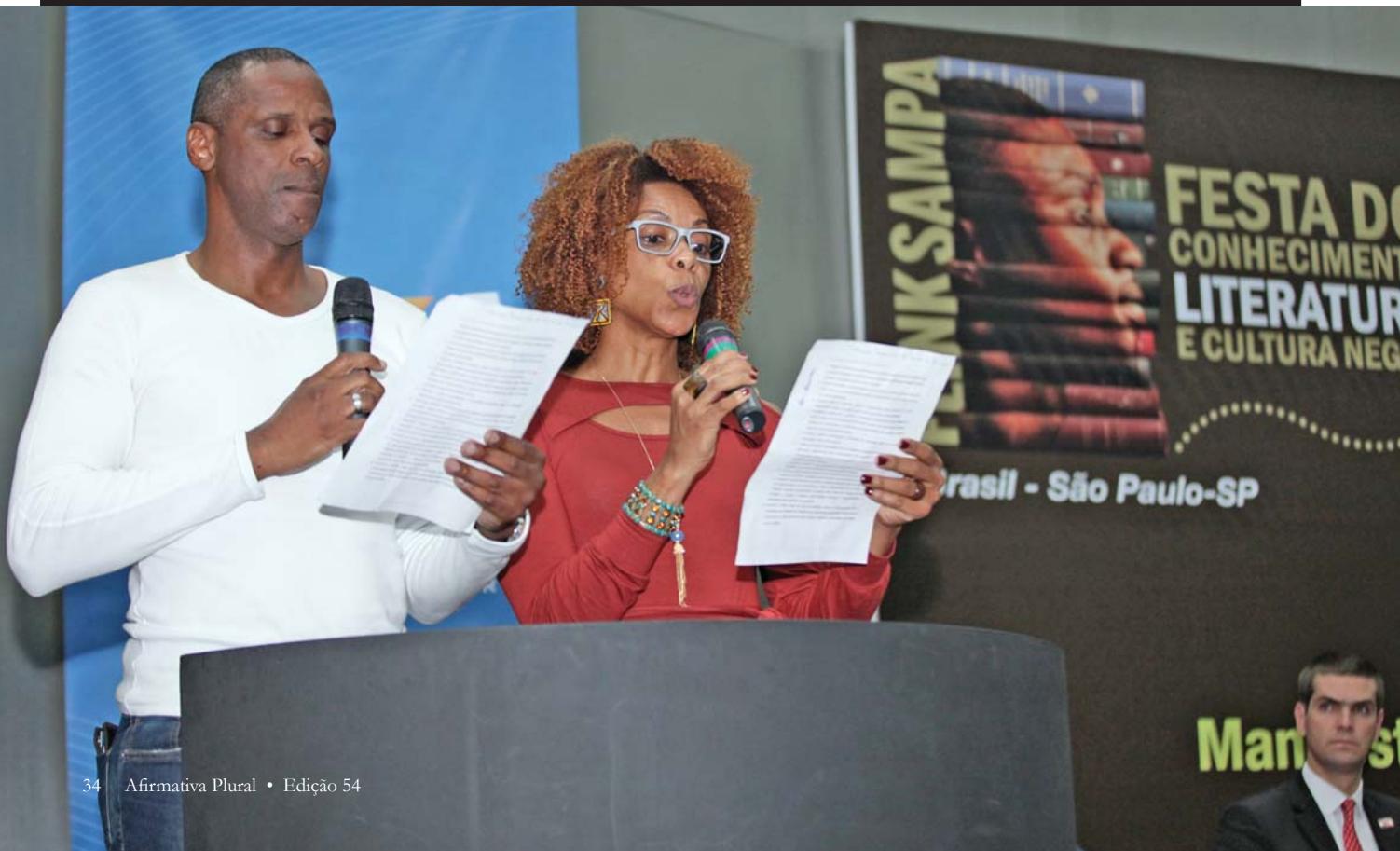
7. Promover o respeito a todas as pessoas no planejamento de produtos, serviços, eventos esportivos e nos relacionamentos com todos que deles participam.

8. Promover ações de desenvolvimento dos profissionais que

atuam no mundo esportivo de maneira a se alcançar a igualdade racial no acesso a oportunidades de trabalho e renda.

9. Promover o desenvolvimento econômico e social da população negra na cadeia de valor, no relacionamento com fornecedores e todas as organizações com as quais mantém relações comerciais, de patrocínio ou qualquer outra forma de contrato que permita enfrentar o racismo e oferecer oportunidades concretas a empreendedores ou empresários deste segmento da população.

10. Promover e apoiar ações em prol da igualdade racial no relacionamento com a comunidade, nas atividades de inclusão social, voluntariado ou qualquer outra forma de investimento no desenvolvimento social, cultural, esportivo e comunitário de crianças, jovens e adultos.





Ministros George Hilton e Nilma Gomes e reitor
José Vicente assinam Carta de Compromisso.



Solenidade de Abertura de Seminário Internacional e Flink Sampa 2015 teve casa cheia

O Auditório da Secretaria de Estado da Pessoa com Deficiência do Memorial da América Latina foi palco, na noite do dia 12 de novembro, da Cerimônia de Abertura da IV Conferência Internacional Educação, Conhecimento, Diversidade e Ações Afirmativas e da Flink Sampa 2015. Com o tema “Racismo no Esporte

– da Educação ao Legado Olímpico, a Conferência Internacional discutiu experiências no Brasil e Estados Unidos sobre as atitudes tomadas diante de situações preconceituosas no universo esportivo.

Com auditório lotado, o Coral Zumbi dos Palmares abriu as atividades. Cantando o Hino Nacional no estilo que só o Coral tem, a emoção tomou conta da plateia. Diversas foram as falas da mesa composta por autoridades brasileiras e internacionais.

A primeira foi do Reitor da Universidade Comunitária Zumbi dos Palmares, José Vicente.

“Zumbi está aqui nos indicando os caminhos. É uma ótima noite para receber os amigos de diversas partes do mundo que vêm nos auxiliar na construção de novos caminhos. É bom poder contar com a amizade dessas pessoas e instituições que nos possibilitam realizar uma atividade como esta”, disse o reitor.

Em seguida, Nabil Bonduki, Secretário de Cultura da Cidade de São



Paulo, teve a palavra. Foi seguido pelo Secretário Municipal de Promoção da Igualdade Racial da Prefeitura de São Paulo, Maurício Pestana, o Secretário Adjunto da Secretaria do Estado de São Paulo da Pessoa com Deficiência, Marco Pelegrino. Depois foi a vez dos americanos Meldon Hollis e Joe Beasley que dando exemplos de ações nos Estados Unidos, ratificaram a definição e relevância do tema a ser tratado no seminário.

Em seguida, Rogério Hamam,

Secretário Nacional do Futebol, também falou sobre a campanha “Dê um chute no racismo”, do Ministério dos Esportes e da importância em se falar sobre este assunto.

A grande surpresa da noite foi a chegada da atleta e medalha de ouro na ginástica olímpica, Daiane dos Santos. A pequena notável, no alto de seu 1,47 m de altura fechou as falas da noite. *“O racismo no esporte está presente desde sempre. O racismo, que era velado, agora está mais a mostra. Este momento é*

muito propício a esta discussão. O racismo é uma erva daninha e temos que acabar com ela”, conclui Daiane.

UNINOVE abriga Seminário Internacional que discute Racismo no Esporte

Durante todo o dia 13, aconteceram mesas de debate que discutiram diversas vertentes do racismo em espaços esportivos. Assuntos como igualdade, ética desportiva, diversidade e ações afirmativas foram discutidos.

dos em diversas mesas que trouxeram jornalistas, advogados, professores e pesquisadores ao debate.

Iniciando às 8h30, no Campus Barra Funda da UNINOVE, os temas discutidos nas mesas foram Igualdade, Ética, Diversidade e Relações Raciais, As leis de combate ao Racismo e sua aplicação na área esporte, O papel da escola e da Educação para a valorização da Diversidade Racial e combate às Práticas Racistas, Os órgãos de Combate ao Racismo e o Esporte, Legado Olímpico para Prevenção e Combate ao Racismo no Esporte, O racismo e as redes sociais, Racismo e a imagem das marcas a serviço do Esporte, Racismo e Comunicação Social: o papel da mídia esportiva”.

Como público participante encontravam-se, nas dependências da UNINOVE, alunos de diversos cursos de

graduação, principalmente Jornalismo e Educação Física. A participação de alunos da Universidade Comunitária Zumbi dos Palmares também foi grande fazendo a discussão sobre racismo

“ Nós não somos iguais, se não temos as mesmas oportunidades. ”

Sidney Barreto Nogueira.

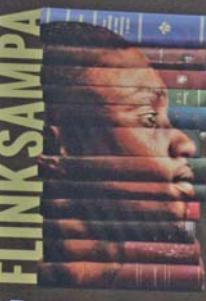
e esporte se fortaleceram já que 90% da população da universidade é de negros e na UNINOVE o universo de alunos negros é bem menor. Trocas de experiências e de informações sobre a questão, enriqueceram o debate.

“Nós não somos iguais, se não temos as mesmas oportunidades”

Esta foi uma das frases lançadas pelo professor do Grupo de Estudos em Línguas Africanas, Sidney Barreto Nogueira, durante o segundo dia de palestras com a temática “Igualdade, Ética, Diversidade e Relações Raciais”. A mesa foi mediada pelo professor Claudio Ganda, da Universidade Comunitária Zumbi dos Palmares, que também provocou o questionamento da plateia. *“A fraternidade é possível na medida em que as pessoas são mais seguras de si mesmas. É a comunhão que nos liga, não a exclusão”*, disparou.

Nogueira, com seu humor ácido, foi enfático e assertivo em suas colocações. *“Quem sou eu? Grande parte do nosso problema de violência, de intolerância está em quem não sabe quem é. Para romper com modelos preestabelecidos, eu preciso pensar quem sou eu”*, cutucou o público.





Brasil - São Paulo-SP

seminário

IV Conferência Internacional

Educação, Conhecimento, Diversidade e Ações Afirmativas



Da Educação ao Legado Olímpico

Manifesto da Iniciação ao Esporte pelo Combate ao Racismo



O professor de Línguas Africanas abordou ainda sobre o conceito de igualdade: “Por que eu preciso que o outro seja um igual? Se eu sei quem eu sou, não importam as diferenças. Se todos são iguais, é mais fácil de controlar. É estratégia ideológica de manipulação. Se todos fossemos iguais, quem eu seria? Qual o papel sociopolítico da desigualdade? Do discurso que fomenta a intolerância, o preconceito? Precisamos nos voltar para o papel desses discursos. O mito da igualdade racial, de que todo homem é bom, nos coloca em uma posição confortável. Nós não somos iguais, se não temos as mesmas oportunidades.”

Racismo e esporte são debatidos durante Seminário Internacional

Mediada pelo professor Vander Ferreira de Andrade, da Universidade Comunitária Zumbi dos Pal-

mares, a mesa com a temática “Os Órgãos de Combate ao Racismo e o Esporte”, contou com a ilustre presença de Arthur Edward Thomas, Presidente Emérito da Central State University (EUA).

Sua fala eloquente e revolta na voz contagiou a todos. *“A gente não pode separar racismo entre componentes. Racismo é racismo. O mesmo racismo que Hitler fomentava é o que existe hoje. Nós não fomos capazes de superar atitudes dos homens brancos de superioridade. Eles foram programados para acreditar que são melhores que os outros. Quando digo outros estou falando dos negros, das pessoas de cor. Nós devemos entender que somos brilhantes e capazes”*, afirmou Thomas.

Também fizeram parte do debate Rogério Hamam, Secretário Nacional de Futebol e Defesa dos Direitos do Torcedor do Ministério do Esporte, e

Diogo Cristiano Netto, coordenador operacional da Confederação Brasileira de Futebol, que dedicaram o tempo com a plateia para expor as ações de combate ao racismo no esporte em suas respectivas instituições.

Heróis negros e Estatuto da Igualdade Racial foram pauta de debate

Maurício Pestana, Secretário Municipal da Promoção da Igualdade Racial de São Paulo, e Elói Ferreira de Araújo, Ex-Ministro da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, estiveram presentes na mesa em que se discutia sobre “Os Órgãos de Combate ao Racismo e o Esporte”.

Pestana colocou em questão o que os outros órgãos de combate ao racismo estão fazendo para que tenhamos uma sociedade mais justa





e igualitária. “A Zumbi dos Palmares foi muito feliz em colocar a temática em debate. Na época da Copa do Mundo no Brasil não tivemos nenhuma discussão como esta”, lamentou. “Enquanto vivermos em uma sociedade não completamente desenvolvida economicamente, vai haver racismo. Se não há uma pressão discutindo o capitalismo, não dá para sair dessa situação”, concluiu o secretário.

Já Araújo falou sobre a importância de lembrarmos dos grandes representantes afrodescendentes. “Salve Zumbi, mas salve também João do Pulo, João Cândido Felisberto, Robson Caetano. Temos que festejar nossos nomes, nossos heróis. Se não pressionarmos o Estado brasileiro, o Estatuto da Igualdade Racial continuará sendo irrelevante. O Brasil deu passos substantivos nos últimos tempos, mas nós vivemos ainda em uma sociedade racista. A reprodução do racismo está na ausência dos negros nos ambientes.”

Leis de combate ao Racismo e sua aplicação na área do Esporte são discutidas em mesa de debate

A mesa formada pelo jornalista Rosenildo Ferreira, Reinaldo Bulgarelli, consultor da T Xai Consultoria em projetos de Inclusão e Diversidade, Prof. Dr. Juarez Tadeu Paula Xavier, especialista em uso da capoeira em espaços educacionais e Prof. Me. e Advogado Eriberto Peres Castilho, discutiram a respeito das leis sobre Racismo e sua aplicação no universo desportivo.

De acordo com Dr. Juarez, que se debruça sobre o uso da capoeira como conteúdo para a implementação da lei 10.639/2003, “a lei precisa ser melhor aplicada nas instituições de ensino. Não percebo a capoeira sem pensar na Educação como prática. O ideal seria o debate entre as duas

áreas, educação e direito. Todas as leis que favorecem o capital, pegam. As que falam da cultura negra, não pegam”, diz o professor.

Juarez conta também que atualmente discute a legitimidade da exigência do diploma de professor de Educação Física para se ensinar a arte ancestral. “Os praticantes de capoeira muitas vezes não tem como pagar um curso superior. Isso torna muito difícil essa transição do mestre para professor oficialmente aceito pelo mercado. Entendo esta exigência como mais uma forma de manter o povo negro distante da possibilidade de se apropriar de sua cultura”, explica.

O advogado e professor da Universidade Comunitária Zumbi dos Palmares, Eriberto Peres Castilho, discorreu sobre como o direito brasileiro tratou a questão do racismo. Ele explica que na República, a legislação coloca todos os cidadãos em patamar de igualdade, o que, como o professor explica era praticamente impossível. “Não haveria maneira de tratar os ex-escravos como se tratava os brasileiros não escravizados e brancos no Brasil daquele tempo”, diz.

Explica que a cultura negra foi marginalizada logo após da abolição tornando toda e qualquer manifestação negra um ato criminoso. “Em 1930, grandes sociólogos como Roger Bastide, se dedicam a produzir pesquisas que se dedicam a valorizar a cultura negra. Em 1951, a Lei Afonso Arinos, torna o Racismo um ato criminoso. Mas com muitas brechas, incluindo a questão de que poderia ser interpretada como Injúria Racial. A questão da Injúria, que há muito não era utilizada passou a ter força quando as questões raciais passaram a ter, em tempos atuais, maior visibilidade e cobrança da sociedade”, explica o professor.

O Eriberto explica ainda que é muito difícil enquadrar o Racismo

como crime de fato. “O Racismo é caracterizado pelo impedimento de alguém ao acesso a algo por causa da sua cor de pele. Já a injúria é caracterizada pelas expressões ofensivas que utilizam argumentos para desqualificar a pessoa. Seria necessária uma alteração na lei para efetivamente punirmos alguém pelo crime de Racismo”, diz.

O jornalista Rosenildo Ferreira utiliza das fontes históricas para fazer crítica a estas leis que não são aplicadas e sua brechas. “A lei Afonso Arinos foi criada por ele para defender uma empregada seu que foi discriminado. Sendo um empregado de muito apreço para Arinos, se sentiu no dever de defender o amigo. Em 1978, criou-se a lei Caó que tipifica e criminaliza o Racismo. As leis existem mas não são aplicadas. A mesma lei que defende é também aquela que dá brechas para desqualificar a mesma”, alerta.

Reginaldo Bulgarelli, faz o questionamento central do debate. Como aplicar a lei contra o Racismo efetivamente? “O problema é a manutenção do status quo. As pessoas que querem mudar a sociedade têm que se organizar. Porque todos estamos sujeitos aos julgamentos e padrões hegemônicos. A organização da sociedade civil é necessária para que, unidos, lutemos e alcancemos o objetivo de mudar a realidade”, conclui.

O papel da escola e da Educação para valorização da Diversidade e debate às práticas Racistas

A mesa formada por Humberto Adami, criador da Comissão da Verdade sobre a Escravidão Negra, Prof. Me. André Luiz de Oliveira, professor da UNINOVE, Zakia Johnson, Diretora de Raça, etnia e inclusão social do Departamento de Estado dos Estados Unidos, Dr. Meldon Hollis, representante das HBCU's na



Casa Branca, também dos Estados Unidos, Myra Wright, especialista em recursos Humanos, Prof. Ma. Macaé Evaristo, atual responsável pela Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais e Allison Brown, que atua em Washington na área de Proteção aos Direitos da Criança Negra, discutiram sobre o papel da educação na valorização da diversidade em todos os campos do saber e do trabalho.

Prof. Me. André, como historiador que é, inicia sua fala fazendo um levantamento histórico da capoeira passando pelo significado do seu nome até a arte/dança dos tempos atuais. “*Ela começou na vida do negro escravo como entretenimento e logo se percebeu seu poder mortal. Atualmente, o capoeirista atua como educador e possibilita a inclusão através da atividade física e da disciplina na educação de crianças e adolescentes*”, explica.

Dr. Meldon Hollis fala de sua experiência como professor numa universidade na Georgia e de que, está no Brasil representando mais de cem universidades historicamente negras norte-americanas. Falou sobre as referências negras brasileiras no esporte e de outros vultos negros internacionais que servem de modelo para jovens negros e não negros de todo o mundo. “*Acredito que todo negro de sucesso deveria se envolver em programas sociais ou auxiliar programas existentes. Eles tem responsabilidade como exemplos que são. Para mim, os atletas bilionários deveriam se envolver mais com os problemas sociais porque são estas pessoas que os fazem enriquecer*”, diz.

Hollis diz ainda que nos Estados Unidos, a força do esporte tem auxiliado a mudar a realidade. “*Jogadores de basquete e futebol americano vestiram a*

camisa 'I can't breath' (Não consigo respirar) em protesto à violência policial contra negros. O povo negro unido faz a diferença. Quando envolhido na política, justiça, ele faz a diferença. Eu acredito que organizados conseguimos transformar muitas coisas”, conclui.

Zakyia Johnson, trabalha em Washington Post, no Departamento de Estado, combatendo, em diversos níveis, discriminação racial, questões de gênero e defendendo os direitos dos LGBT. Desde 2008, o governo dos Estados Unidos firmou parceria com o Brasil com o propósito de possibilitar intercâmbios e promover o protagonismo negro, aqui e lá.

“*É a primeira vez, que na área diplomática, discute-se assuntos como educação, justiça ambiental, oportunidades econômicas, acesso à justiça (violência) tudo ligado a comunidade negra. Nossa meta é atingir 100 mil pessoas em 5 anos. Mostrar a elas*





as possibilidades e os caminhos”, explica Zakyia.

Ela entende que o evento das Olimpíadas é uma grande oportunidade. Fala da ideia que se partilhou de buscar know how em Atlanta e aplica-lo no Brasil como exemplo de feito de sucesso. *“As comissões brasileiras buscaram a experiência de Atlanta para promover ações para públicos historicamente marginalizados. O legado que os Jogos Olímpicos deixou foi rico. Mas isso só foi possível com auxílio político e o Brasil pode avançar muito com esta competição deixando uma rica herança para o povo brasileiro”*, conclui.

Myra Wright, especialista em Recursos Humanos, começou sua fala apontando para os benefícios de se ter uma equipe diversa. Usando sua vida e sua trajetória como exemplo, Myra explicou que somente passando por diversas situações adversas onde foi colocada em cheque por ser mulher, foi que percebeu a importância de seu papel na sociedade. *“Tive uma trajetória de luta e persistência. Entendi, logo cedo, a importância do estudo para meu crescimento profissional. Estudei em uma universidade de maioria branca e tive que trabalhar duro para pagar meus estudos. Duas semanas depois de terminar a graduação, decidi fazer meu mestrado numa universidade historicamente negra”*.

E Myra continua: *“Prestei concurso para um trabalho muito bom e o consegui, pois precisava custear meus estudos. Foi difícil, tive que passar por cima de muitas coisas. Tive uma mentora que me mostrou, num momento de desespero e vontade de abandonar tudo, que o meu papel dentro daquela instituição ia além do que eu imaginava. Eu estava sendo um agente motivador para as mulheres negras da empresa. Fui promovida e passei a trabalhar com recursos humanos. O que aprendo com esta experien-*

cia é enxergar o potencial que há em cada um e estimula-los”, explica.

Myra aconselha: *“Nunca desistam de seus objetivos, Educação é a chave para o sucesso, trabalhar com diversidade torna o resultado muito mais positivo”*.

Alysson Brown, trabalha em Washington Post, com proteção e direitos da criança negra. Ela explica que o envolvimento de professores, educadores, pais e sociedade devem estar envolvidos com a educação e que somente ela dá oportunidades para as crianças, as famílias e comunidades. *“Todos temos desafios diários. O meu é fazer as pessoas entenderem seu papel nesse processo. Os atletas já entenderam que juntos podem auxiliar a sociedade a mudar. O foco atual da discussão é o sistema. Enquanto se apontar o racismo somente como uma questão pontual, a violência contra negros não será combatida”*, diz ela.

“Em algumas comunidades, a polícia é quem faz a segurança das escolas. É ela quem mantém a disciplina e a ordem dentro das instituições. Mas, as crianças negras não se sentem protegidas. Há diversas denúncias de crianças que são presas, castigadas, abusadas por aqueles que deveriam protegê-las”, explica Allyson.

Macaé Evaristo, ocupante da cadeira da Secretaria de Educação do Governo de Minas Gerais, discute sobre a lei 10639/2003 e as ferramentas que criou para implementá-la em seu estado. *“Em 2014, conseguimos, em nível federal, a obrigatoriedade da inserção do conteúdo das temáticas raciais na Lei de Diretrizes e Bases das escolas públicas do Brasil. Transitei em diversas áreas e em Minas Gerais participei de grupo de discussão ligados ao governo para trabalhar especificamente no ensino básico”*, explica.

O argumento de não haver publicações para a implementação

enfraquece quando Macaé conta que em Minas Gerais criou-se um programa que garante a continuidade do tratamento da temática racial e há formação contínua de docentes. *“Estimulamos nossos professores e agora estamos estimulando pesquisadores a produzirem obras com este foco e abrimos editais para possibilitar a publicação das obras que farão parte de um kit a ser distribuído nas escolas públicas”*, conta ela.

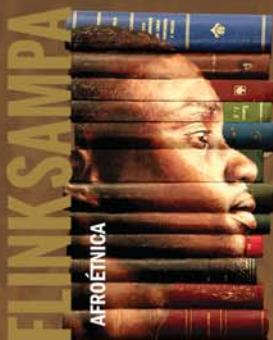
E, o último participante da mesa, o advogado Humberto Adami, fala sobre a Comissão da Verdade sobre a Escravidão Negra. Contou de sua experiência no Programa do Consulado dos Estados Unidos onde o participa, durante 21 dias de atividades nas mais diversas esferas do poder. Conhece também a realidade americana e se torna capaz de comparar com a brasileira.

“A violência contra a juventude negra, questões relacionadas às cotas nas universidades, o passado escravocrata. Nossas experiências históricas são muito próximas, por isto este intercâmbio foi importante para entender a dinâmica e aprender com casos de sucesso. Com a comissão, estamos acusando o Estado brasileiro, a Igreja Católica e a Coro Portuguesa pela escravidão negra. Queremos desenterrar esta história que estão guardadas nas masmorras da história. Vamos fazer tremer o chão”, decreta Adami.

Racismo e Comunicação Social: o papel da Mídia Esportiva

Uma mesa formada pelos feras do jornalismo esportivo discutiu a postura da mídia que cobre esportes. Em discussão fora dos formatos convencionais, falou-se sobre a importância do jornalista, como cidadão, mostrando os casos de racismo que temos visto nos di-

MINISTÉRIO DA CULTURA E BNDES APRESENTAM



"eu quero respirar"

**III FESTA DO
CONHECIMENTO
LITERATURA
E CULTURA NEGRA
SÃO PAULO**

Agradecemos a todos os escritores e ao público presente que participaram da FlinkSampa 2015



MARTINHO DA VILA

Escritor Homenageado
da FLINKSAMPA 2015



WOLE SOYINKA

Convidado Internacional Especial
Prêmio Nobel de Literatura



**ARNALDO
NISKIER**



**CARYL FÉREY
FRANÇA**



**CONCEIÇÃO
EVARISTO**



**CRISTIANE
SOBRAL**



**ÉLE
SEMOG**



**EMÍLIO
BRAZ**



**ELISA
LUCINDA**



**LÁZARO
RAMOS**



**LUPITO FEIJÓ
ANGOLA**



**MANTO
COSTA**



**MARY GRUESO
COLOMBIA**



**MIRIAM
LEITÃO**



**NEI
LOPES**



**ODETE SEMEDO
GUINÉ-BISSAU**



**PEPETELA
ANGOLA**



**SALGADO
MARANHÃO**



**SHIRLEY CAMPBELL
USA**



**TERESA CÁRDENAS
CUBA**



**UNGULANI
MOÇAMBIQUE**

- ENTRADA FRANCA -

LOCAL - MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA, Av. Auro Soares de Moura Andrade, 664 - Barra Funda - WWW.FLINKSAMPA.COM.BR

13 e 14 de novembro de 2015

REALIZAÇÃO



APOIO



PATROCÍNIO



versos veículos. Marcelo Medeiros Carvalho, criador do Observatório do Racismo no Futebol, Vladir de Sá Lemos, do programa Cartão Verde da TV Cultura, Eduardo Vaz, locutor Esportivo da TV Record, Álvaro José, jornalista esportivo também da TV Record, Kiratiana Freelon, jornalista do Washington Post e Revista Ebony ambos dos Estados Unidos, mediados pelo jornalista Rosenildo Ferreira.

Em tom provocativo, Rosenildo lançou a pergunta que desencadeou a discussão mais profícua da tarde: Como a crônica esportiva vem trabalhando sobre estas ações preconceituosas contra os atletas negros? “*Essa imprensa também foi responsável por divulgar o que o árbitro colocou na símula e que fez surgir a discussão*”, disse Rosenildo.

Vladir Lemos, iniciou sua fala

dizendo que existe uma “*elasticidade moral*” na sociedade brasileira. Essa elasticidade permite que as pessoas achem que estão escondidas e protegidas nas redes sociais ou por estarem numa multidão. “*Em todo esporte existem aqueles que ofendem os atletas protegidos pelo anonimato. A intimidação faz parte do esporte. A mídia tem ficado incomodada e tem noticiado. A mídia escolhe um bode expiatório para representar o comportamento de muitos. A câmera acaba obrigando o árbitro a documentar o ato criminoso. Politicamente correto: tudo que acontece de verdade tem que ser noticiado*”, diz.

Kiratiana Freelon vive no Rio de Janeiro e faz matérias esportivas para o Washington Post e para a revista Ebony. Trouxe, em sua apresentação, mais provocações e apresentou aos ouvintes quatro casos de racismo no

esporte e ao final perguntava: isso aconteceria no Brasil?

O caso mais emblemático foi o dos atletas da Universidade do Missouri que se recusaram a voltar a jogar se o presidente da instituição não saísse do cargo. A universidade, predominantemente branca, foi palco de atos racistas e teve o apoio dos estudantes e atletas. “*Se os atletas de futebol americano não jogassem, a universidade perderia quase US\$ 1 milhão. Então, antes do prejuízo, ele pediu pra sair. Isso aconteceria no Brasil?*”, perguntou. A resposta em uníssono da plateia: “*Não!*”

Marcelo Carvalho apresentou o Observatório da Discriminação Racial no Futebol e o relatório que aponta para 20 casos de racismo no futebol que tiveram alguma repercussão na internet. Depois de apontar e explicitar os casos, Marcelo faz um



Racism, Media & Sports in the United States

seminário



desabafo. “O Brasil é um país fraco, nossas leis são fracas. Se fôssemos como os Estados Unidos, as coisas seriam diferentes. A partir do momento em que tivermos leis mais severas, vai ser melhor. O que não podemos é deixar de registrar os casos”, diz.

Eduardo Vaz e Álvaro José, ambos da Record, deram seus testemunhos como jornalistas experientes que são. A participação de ambos foi mais de intervenções sobre as falas dos outros e comentários sobre as apresentações.

Legado de Luis Gama é lembrado durante Seminário

Um dos grandes nomes da luta contra a segregação racial, Luis Gama não poderia ficar de fora da discussão durante a mesa em que se falava sobre “Os Órgãos de Combate ao Racismo e o Esporte”, com o mediador Vander Ferreira de Andrade, professor da

Universidade Comunitária Zumbi dos Palmares. O professor lembrou da luta de Gama, que libertou judicialmente mais de 500 escravos e só foi reconhecido pela OAB com o título de advogado 133 anos após sua morte.

Também fizeram parte da mesa Maria Fernanda de Barros, professora Universidade Comunitária Zumbi dos Palmares, e Richard S. Freeman, Sojourner Douglass College (EUA).

Ex-atletas olímpicos participaram de discussão sobre Combate ao Racismo no Esporte

O Seminário Internacional do Racismo no Esporte: da Educação ao Legado Olímpico, realizado na Uninove da Barra Funda, contou com a ilustre presença dos ex-atletas olímpicos Eliane Oliveira, a Lica Oliveira (vôlei) e Robson Caetano (atletismo).

Ambos participaram de mesa em que a pauta era o “Legado Olímpico para Prevenção e Combate ao Racismo no Esporte”. Também enriqueceram o debate Livia Galdino da Cruz, Secretária Adjunta da Secretaria de Esporte, Lazer e Juventude do Estado de São Paulo, e os professores da Uninove Eduardo Tadeu Costa e Alessandro Barreta Garcia.

Redes Sociais em pauta

“O Racismo e as Redes Sociais” foi uma das temáticas do Seminário Internacional. Compuseram a mesa a jornalista Claudia Alexandre, além de Karl Pinheyros, do portal Copa sem Racismo e Esporte sem Racismo, e Washington Lucio Andrade, do portal e Agência de Notícias Áfricas. ■





a

raça

homenageia

Martinho

Por ser uma figura singular na sociedade brasileira e em muitos países de África, Martinho da Vila foi o eleito para ser homenageado em dois dos maiores eventos que acontecem no mês da Consciência Negra em São Paulo e em homenagem ao nosso líder maior: Zumbi dos Palmares - a Flink Sampa e Troféu Raça Negra 2015, realizados pela Afrobras e pela Universidade Comunitária Zumbi dos Palmares. A diversidade da criação cultural e a importância de promover a reflexão sobre o papel e o protagonismo do negro na sociedade motivaram a escolha de Martinho da Vila como homenageado.

Martinho é conhecido no Brasil e no mundo por suas canções e trabalhos incansáveis na defesa do negro brasileiro e de África. Nem todos sabem, entretanto, é que o genial sambista do bairro de Vila Isabel, também tem uma forte veia literária e acumula 14 obras publicadas entre 1986 e 2014. E é nada mais, nada menos do que um Imortal da Academia Carioca de Letras, ocupando a cadeira de número 06. Aos 75 anos de idade, Martinho, que é negro e filho de lavradores, ocupa a cadeira do patrono Evaristo da Veiga, sucedendo ao acadêmico Fernando Segismundo.

Mas é difícil um brasileiro que

não conheça os sambas de Martinho da Vila, cantor e compositor de clássicos do gênero como “Casa de Bamba”, “Mulheres”, “O Pequeno Burguês”, “Quem é Do Mar Não Enjoa”, “Kizomba: A Festa da Raça”, entre outras dezenas de obras-primas. Suas composições estão na boca do povo e no repertório de importantes nomes como Alcione, Zeca Pagodinho e Simone, seus maiores intérpretes entre os muitos que já o gravaram. Com uma trajetória de muitos sucessos em mais de 45 anos de carreira, Martinho é um dos artistas mais respeitados do cenário musical brasileiro.

Martinho da Vila comprovou ser

A full-body portrait of the Brazilian singer-songwriter Martinho da Vila. He is a Black man with a beard and glasses, wearing a pink button-down shirt and dark trousers. He is smiling and gesturing with his right hand. The background is a bright, sunlit outdoor area with trees.

Martinho da Vila.



Martinho com escritores.



o astro que é. Durante os dois dias da Flink Sampa, o cantor e escritor andou no meio do público, entregou premios aos alunos do SESI que ganharam o concurso com o tema de seu livro “O nascimento do Samba”, fez palestras, recebeu, como anfitrião da Festa Literária, os demais escritores que vieram para participar deste evento em sua homenagem e, consequentemente, do negro. Martinho fez questão de conversar com a grande maioria dos escritores, muitos deles seus amigos e estava “feliz da vida”.

Durante o debate realizado no auditório da Secretaria da Pessoa com Deficiencia do Estado de São Paulo, Martinho recebeu mais de 600 pessoas, que se inscreveram antes no site e pegaram seus convites para ver o ídolo de perto. E ele agradeceu, autografando um a um o livro “Barras, Vilas & Amores”, lançado na Flink pela editora Sesi em parceria com a editora Unipalmares. Além disso, o escritor tem dois romances - Joana e Joanes – Um Romance Fluminense e Ópera Negra, traduzidos para o francês, e tornou-se veterano no Salão do Livro de Paris ao lançar, em março último, o seu terceiro romance no país, Os Lusófonos, livro que aliás já teve reedição em Portugal.

Na cerimonia de entrega do Troféu Raça Negra, na Sala São Paulo, Martinho fez questão de sentar junto a toda a família para assistir a homenagem que, segundo ele, o deixou “muito feliz e emocionado”.

Martinho da Vila transita entre estilos como romance, autobiografia, literatura infantil, literatura musical e ficção. Em seus 14 livros Martinho aborda temas como a política, o amor, suas lembranças de vida, a cultura



Martinho da Vila e alunos do Sesi.



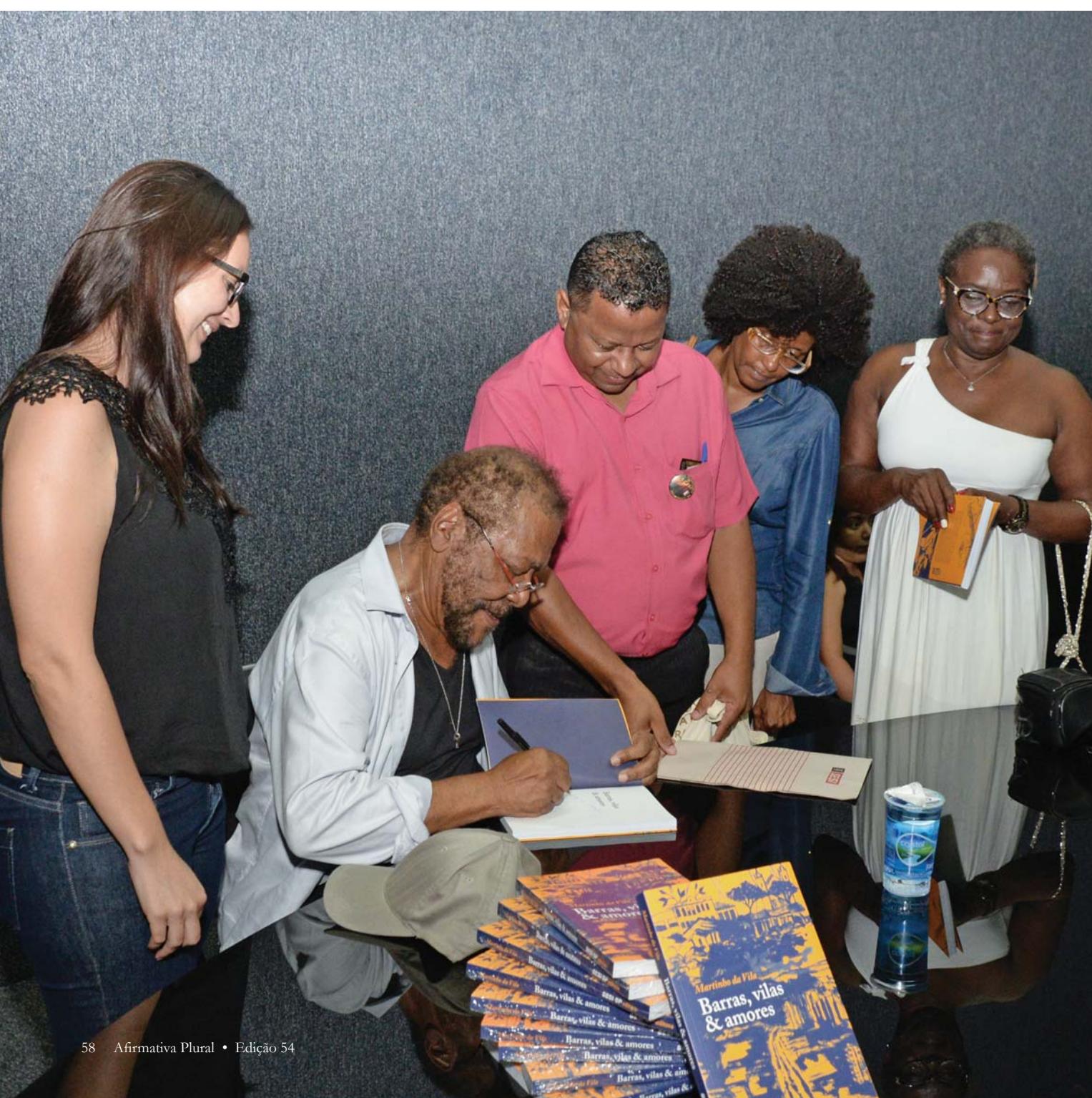
popular brasileira e a importância da língua portuguesa na criação das identidades nacionais dos países lusófonos, entre outros. Tudo isso sem deixar faltar, é claro, a música, o samba e o Carnaval, quase sempre presentes em suas histórias, seja como

temas próprios do livro, seja através de seus personagens e enredos.

O Martinho da Vila Isabel

Martinho criou para a Escola de Samba de Vila Isabel, os seus sambas-enredo mais consagrados, além de

vários temas para desfiles, dentre os quais Kizomba, a Festa da Raça, que está entre os mais memoráveis da história dos Carnavais e garantiu para a Vila, em 1988, seu consagrado título de Campeã do Centenário da Abolição da Escravatura. ■







Troféu Raça Negra,

troféu raça negra



Único!



Após o tradicional brinde, fotos, abraços e confraternização, todos se dirigem aos carros de luxo, além das limusines, para, em carreata, seguirem pelas ruas de São Paulo com destino à Sala São Paulo, com direito a batedores da Guarda Civil Metropolitana. Uma ocasião que a Afrobras, realizadora do Troféu Raça Negra, faz questão de promover para dar visibilidade ao evento e aos negros de todas as cores que participam e ajudam a promover o Troféu.



“É
devagar!
É devagar!
É devagar,
é devagar,
devagarinho”





Devagarinho

É que a gente chega lá...

...E assim como nos versos da memorável canção de Martinho da Vila – certamente lembrada pelos brasileiros – os afrodescendentes deste País vêm, mesmo que aos poucos, rompendo paradigmas e conquistando o devido espaço e reconhecimento. Reconhecimento este que merece ser comemorado em alto nível, como só o Troféu Raça Negra tem a notabilidade para fazê-lo.

É quase impossível descrever a magia que encanta o público presente na noite de gala. A alegria do homenageado que sobe ao palco para receber o troféu, os aplausos efusivos que soam cada vez mais fortes ecoando por toda a Sala São Paulo, constituem em uma unidade de sentimentos e numa







energia ímpar. Quem assiste o Troféu Raça Negra, jamais se esquece.

A cada edição a festa se renova e, nesta 13ª edição do Troféu Raça Negra “Canta, canta minha gente”, a emoção se fez presente na saudação a Zumbi dos Palmares enunciada pelo presidente do Conselho Fundador da Afrobras e reitor da Universidade Comunitária Zumbi dos Palmares, José Vicente, sentimento que envolveu a todos de modo ainda mais forte no momento em que foi entoado o Hino Nacional Brasileiro pela cantora Fafá de Belém, com a participação do maestro João Carlos Martins. A Sociedade Afrobrasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural (Afrobras) e a Universidade Comunitária Zumbi dos Palmares são as organizadoras do troféu e da Flink











troféu raça negra



troféu raça negra



troféu raça negra

Sampa Afroétnica.

Este ano, o palco foi dividido entre os casais mestres de cerimônia Érika Januza e Hélio de La Peña, Érico Brás e Kenia Maria, com as participações especiais do ator Antônio Pitanga que, vez ou outra, tomava conta do cenário tecendo breves comentários sobre os premiados, e o Coral Zumbi dos Palmares, patrocinado pelo Bradesco, que também se apresentou. Ressalta-se que em uma de suas intercessões, Pitanga sugeriu o lançamento da candidatura de Martinho da Vila à Academia Brasileira de Letras.

Para tornar a noite inesquecível para o público e homenageados agraciados com o troféu apresentaram-se as cantoras Paula Lima, Leci Brandão, Elizeth Rosa, Maria Ceiça e Juliana (filha de Martinho da Vila) que fez









dupla com seu irmão Tonico, além dos músicos Rappin Hood, Dexter e Péricles que interpretaram canções de Martinho. O show contou com as direções artística e musical de Chico Spinosa e Thobias da Vai-Vai, respectivamente.

Importante destacar que os sonhos de justiça e de reconhecimento da festa do Troféu Raça Negra 2015 somente foram concretizados graças ao apoio dos patrocinadores, sendo eles: Bradesco, Carrefour, Coca-Cola Brasil, Embraer, Caixa Econômica Federal, Petrobras e Itaú, responsáveis pelo sucesso da iniciativa.

Um dos pontos altos da noite foi a premiação concedida ao escritor nigeriano Wole Soyinka, considerado o mais notável dramaturgo da África e ganhador do Prêmio Nobel de Litera-



troféu raça negra





troféu raça negra



troféu raça negra

tura de 1986. Aos 86 anos, com uma postura ereta e tão firme quanto suas palavras que pronunciou na abertura do evento (leia Querem destruir a ancestralidade africana), Soyinka recebeu o troféu das mãos do ministro da Educação, Aloizio Mercadante, ao lado de José Vicente.

Logo, em seguida foi a vez de receber a outorga, Nilcemar Nogueira, neta de Cartola. Junto com o irmão Pedro Paulo, ela trabalhou na administração do Centro Cultural Cartola. Ali criou o Museu do Samba, como parte da sua iniciativa para a inscrição do samba carioca na lista do patrimônio cultural imaterial do Brasil. Nilcemar que foi diretora de Carnaval da Estação Primeira de Mangueira, recebeu uma homenagem em dobro: foi saudada com o samba-enredo da





Mangueira, cantado pelo mestre de cerimônia, o ator Érico Brás.

O chef-proprietário do restaurante Santo Colombo, José Alencar de Souza, foi agraciado pela distinção da sua esplêndida culinária italiana, tradicional na cidade de São Paulo, e que desde a década de 70 vem conquistando uma clientela fiel e recebeu o premio das mãos do ministro do Supremo Tribunal Federal, Dias Tóffoli.

Mestra em Literatura Brasileira pela PUC-Rio, doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense, a escritora Conceição Evaristo, de projeção internacional, subiu ao palco para receber a láurea. João Carlos Martins também homenageado durante o evento; porém, o troféu foi entregue ao Thobias da Vai-Vai, pois o maestro não pode ficar até o final da



troféu raça negra



noite. Outro laureado foi o desembargador-presidente do Tribunal Regional do Trabalho de Campinas-SP, Lorival Ferreira dos Santos.

Cartumista, publicitário, jornalista e Secretário Municipal de Promoção de Igualdade Racial de São Paulo, Maurício Pestana ressaltou que participa do Troféu Raça Negra há muitos anos. *“Deus faz tudo certo, e recebo esse troféu na hora certa. Como gestor público eu tenho trabalhado pela igualdade racial no País”*, frisou. Ao final da fala, Pestana pediu um minuto de silêncio frente aos acontecimentos que vitimaram não só os jovens franceses, mas principalmente os jovens negros que morrem todos os finais de semana no Brasil.

Outra secretaria agraciada foi a paraense Macaé Evaristo. Atual Secretária da Educação do Estado de Minas Gerais, atuou na Secretaria de







Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação.

Família que trabalha unida - e em prol de reivindicar mais espaço para negros na publicidade brasileira -, também unida recebeu o merecido Troféu Raça Negra 2015. Compõem a família: Érico Brás, sua mulher Kenia e os dois filhos, Gabriela e Matheus, que criaram o programa Tá Bom pra Você? , constituído de vídeos com

situações do cotidiano exibidos no Youtube. *“Não temos que ter medo de sermos poderosos e de termos dinheiro”*, sentenciou o ator, lembrando que mais da metade da população brasileira é negra e consumidora neste País, daí é mais do que justo conquistar o espaço que é seu de direito.

Maju, a “garota do tempo” do Jornal Nacional, Maria Júlia Coutinho foi ovacionada pela plateia, pra-

ticamente uma resposta do público aos recentes comentários racistas lançados a ela via internet. Em breves palavras, a jornalista lembrou-se da avó doméstica, seus pais, a moça que é cozinheira e a outra que faxina na Globo. *“Tenho a honra de fazer parte dessa luta contra o preconceito. Devemos pensar em um mundo mais gentil e acolhedor”*, frisou.

“Nos sentimos muito honrados de



participarmos desta festa significativa”, sustentou o presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) Nacional, Marcus Vinícius Furtado Coêlho. A Ordem recebe o prêmio a partir de diversas iniciativas que garantem as ações afirmativas, como as cotas nas universidades junto ao Supremo Tribunal Federal, a criação da Comissão Nacional da Verdade da Escravidão Negra, que está produzindo um relatório sobre os crimes imprescritíveis contra a humanidade, a recém outorga do título de advogado ao militante Luís Gama e a ação do Conselho Nacional de Justiça, que

defende as cotas para os concursos de juiz. A atual gestão da OAB já conta com 50 mil advogados negros, em apenas três anos.

Como não poderia deixar de ser, o grande homenageado da noite, o cantor e escritor Martinho da Vila falou devagarinho. Uma fala mansa, porém, contestadora apontando que faltam referências negras no Brasil. “*Não há negros nas esferas dos governos federal, estadual e municipal. Se tirar uma foto do governo brasileiro, vamos constatar que não temos representantes. Precisamos mudar isso*”, assegurou. Lembrou, ainda, que o próprio Zumbi dos Pal-

mares, durante muito tempo, também ficou camouflado. “*O escritor nigeriano Wole Soyinka, Nobel de Literatura, pode servir de referência para nossas crianças que têm seus sonhos. Muitas delas poderão dizer: quando eu crescer quero ser como ele ou como José Vicente, pois ele conseguiu criar uma universidade que ajuda muita gente*”, admitiu.

Para finalizar, Martinho da Vila cantou a música Tom Maior para as mulheres, as futuras mamães:

Está em você o que o amor gerou... E então quando ele crescer... Vai ter a felicidade de ver um Brasil melhor....■





Troféu Raça Negra 2015

Condecorados com a estatueta do Troféu Raça Negra 2015

(por ordem alfabética)

Conceição Evaristo - Escritora

Érico Brás - Ator

Gabriela Dias - Atriz

José Alencar de Souza - Chef-proprietário do restaurante Santo
Colomba

João Carlos Martins - Maestro

Lorival Ferreira dos Santos - Juiz do Tribunal Regional do
Trabalho (TRT) de Campinas

Marcus Vinicius Furtado Coêlho - Presidente da OAB Nacional

Maurício Pestana - Secretário de Promoção da Igualdade Racial
de São Paulo

Macaé Evaristo - Secretária de Educação do Estado de Minas
Gerais

Matheus Dias - Ator

Maria Júlia Coutinho - Jornalista

Martinho da Vila - Grande Homenageado da noite

Nilcemar Nogueira - Neta de Cartola e criadora do Museu do
Samba

Kenia Maria - Atriz

Wole Soyinka - Escritor Nigeriano, Prêmio Nobel da Literatura



OF
“C
RAÇA NEGRA
2015
nta, minha gente”

Martinho da Vila – Cantor, Escritor,
homenageado da noite.



Nilcemar Nogueira – Criadora do Museu do Samba e Neta de Cartola.



José Alencar de Souza – Chef-proprietário do restaurante Santo Colombo.



Macaé Evaristo – Secretária de Educação do Estado de Minas Gerais.



Wole Soyinka – Escritor Nigeriano, Prêmio Nobel de Literatura.



Conceição Evaristo – Escritora.



Thobias da Vai-Vai, representando
João Carlos Martins – Maestro.



Lorival Ferreira dos Santos – Juiz do Tribunal Regional do Trabalho (TRT) de Campinas.



Maria Júlia Coutinho – Jornalista.



Kenia Maria – Atriz.



Érico Brás – Ator.



Gabriela Dias – Atriz.



Matheus Dias – Ator.



FUNDO DE BOLSAS

OS ALUNOS DOS COLÉGIOS EMBRAER PRECISAM
DA SUA AJUDA PARA IR PARA A FACULDADE.
SEJA UM DOADOR!



A ATRIZ MEL LISBOA APÓIOU VOLUNTARIAMENTE A INICIATIVA.
APOIAR É FÁCIL. ACESSE O SITE DO INSTITUTO EMBRAER



institutoembraer.org.br

hoje nós temos o que celebrar

“ Sinto-me honrado em participar dessa cerimônia, pois a Universidade Comunitária Zumbi dos Palmares iniciou um novo tempo no que diz respeito a participação da raça negra no ensino superior deste País. E hoje nós temos muito o que celebrar: mais de 7 milhões de participantes do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), 58% são negros e negras. No Programa Universidade para Todos (Prouni) que é programa de bolsas de estudos das universidades brasileiras, temos 1.7 milhão, sendo que destes, mais da metade são negros e negras. No Fundo de Financiamento Estudantil (Fies), outro programa destinado aos estudantes de baixa renda, estão cadastrados 2 milhões de bolsistas, sendo que destes 1.100 também são destinados aos negros e negras.

O Ciência sem Fronteira, programa que busca promover a expansão e internacionalização da ciência e tecnologia (em áreas específicas) beneficia 27% de negros dentre os 35 mil inscritos, anteriormente esse percentual era de apenas 17% de bolsistas nas universidades internacionais. Além disso, há o Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias Nascimento de intercâmbio, programa esse exclusivo com universidades que têm uma história ligada a luta pela discriminação racial do qual vão participar 15 países e 32 universidades.

“Passei no vestibular”, aquela frase cantada por Martinho da Vila, concorrida entre as famílias negras no passado, hoje pode ser repetida por milhares de negros e negras, lembrando que a educação é a porta de entrada para ascensão das famílias.

Wole Soynka (autor Nobel de Literatura) você nos inspira, pois sempre combateu todas as formas de incompreensão e sempre lutou por uma sociedade plural, portanto é uma honra entregar-lhe o Troféu Raça Negra. ”

Ministro da Educação, Aloizio Mercadante.

troféu raça negra

TROFÉU
"Cantinho"
RA
2015



ROFÉU RAÇA NEGRA 2015

"Canta canta, minha gente"

“ Que esta noite da entrega do Troféu Raça Negra seja memorável de homenagem a Martinho da Vila e para outras tantas pessoas também homenageadas. A impressão que tenho é que as pessoas aqui estão irmanadas em comemorar a resistência e a luta negra e de falar das políticas de promoção de igualdade racial. Este é um momento propício para o Brasil, justamente no mês da Consciência Negra. ”

Ministra das Mulheres,
da Igualdade Racial e
dos Direitos Humanos,
Nilma Lino Gomes.

“ Faço questão de estar sempre presente na cerimônia de entrega do Troféu Raça Negra todos os anos, pois é uma celebração de todas as raças e uma homenagem em especial ao negro, que tanto trabalhou e trabalha neste nosso país. Para mim, é importante participar desse evento, pois saio daqui com muito mais energia e vontade de trabalhar por um Brasil mais igual. ”

Advogado-Geral da União do Brasil, **Luís Inácio Lucena Adams.**



TROFÉU RACA NEGRA
“Canta canta, minha gente”



ÉU RACA NEGRA
2015
Canta canta, minha gente

“ É uma honra participar dessa noite de celebração. Vejo essa festa como uma importante iniciativa da Universidade Comunitária Zumbi dos Palmares que realça a força da cultura negra. Isso é imprescindível para a busca incessante da ascensão da comunidade negra em todos os setores da economia e da política, entre outros. Essa festa reconhece a força da raça negra que é a cara do Brasil. ”

Ministro do Esporte,
George Hilton.

“ Já tive a honra de receber a outorga do Troféu Raça Negra, que está exposto com orgulho no meu gabinete no STF. Estou aqui mais uma vez a convite do José Vicente, idealizador desse grande evento e da Universidade Comunitária Zumbi dos Palmares, para fazer a entrega do troféu a um amigo José Alencar, o chef-proprietário do restaurante Santo Colombo, em São Paulo. Neste dia em que o troféu homenageia outra grande figura, Martinho da Vila. ”

Ministro do Supremo Tribunal Federal, Dias Toffoli.

TROFÉU RACA NEGRA

“Canta canta, minha gente”



querem DESTRUIR a ancestralidade africana

*Por Wole Soyinka

“Todas as fases do mundo nos convergem para um único destino, diante dos últimos acontecimentos (referiu-se aos atentados que vêm ocorrendo ao redor do mundo). Observamos que a humanidade está passando por um grande dilema, e isso nos afeta a todos, nos assusta, e nos coloca um questionamento: O que é que acontece com a civilização?

Nós estamos aqui hoje reunidos para celebrar homenagens, mas quero destacar o que nos concerne como raça negra. E o que nos concerne são a história, a cultura, a vitória, as tribulações e as aflições.

Há alguns séculos atrás poderia ser considerado uma ofensa um homem ou mulher negra não ser capaz de escrever.

Hoje nós celebramos história, cultura, vitória, nossa ciência como parte da humanidade.

Nós celebramos a memória daqueles que foram capturados em Gâmbia, por

exemplo, e que não aceitaram a escravidão.

E dentro dessa subjugação, eles foram obrigados a abandonar sua criatividade intelectual para provar que não havia habilidade para tal.

No final, essas grandes corporações que nos escravizaram, entregaram certificados de que cientificamente não éramos capazes para a escrita e, dessa forma, não éramos admitidos na comunidade que pensa. Mas, esqueceram que existe uma comunidade ancestral de escrita, de cultura e de poesia que sobrevive.

Muitos não foram sortudos e sofreram castrações. Isso tudo faz parte de uma história que se passou há 450, 500 anos. E o que acontece hoje? Hoje podemos dizer que está acontecendo tudo de novo: a mutilação, a falta de informação dos homens negros na forma de aprender. Hoje temos uma comunidade que está destruindo e até matando pessoas para que não tenham acesso à informação.

Na Nigéria estão invadindo escolas

para privar as pessoas do conhecimento. Algumas das universidades que estão sendo atacadas antecedem, por exemplo, a William Shakespeare. Nós estamos preocupados com isso. A mídia internacional está falando sobre isso, até porque esse dilema está afetando a população negra. Por outro lado, o mundo inteiro está preocupado com a morte de centenas de pessoas e de outras tantas que estão imigrando para a Europa, por exemplo, uma causa que já está se tornando comum.

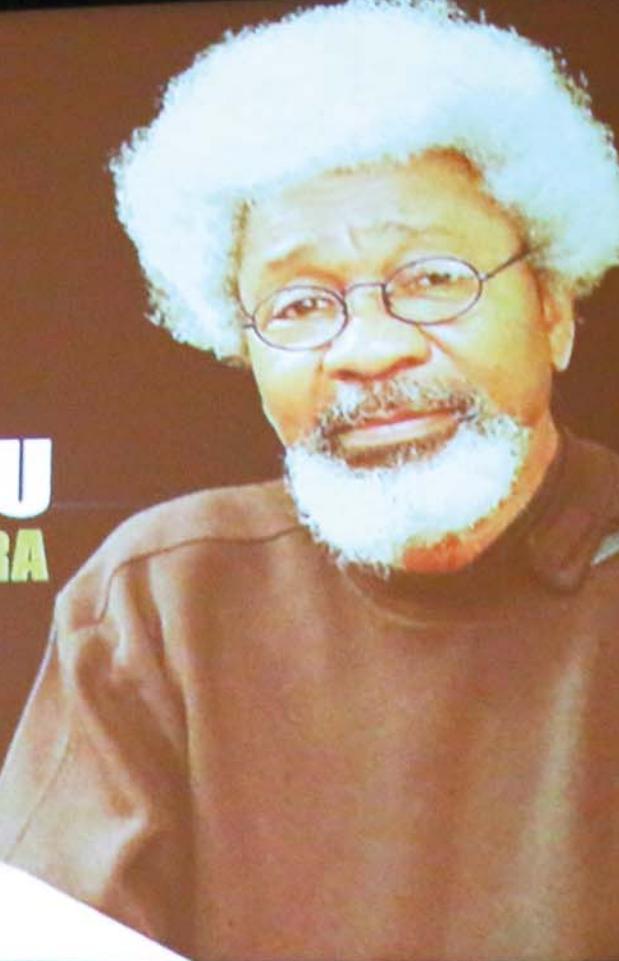
Enquanto isso, a destruição acontece há anos por organizações que querem destruir a nossa ancestralidade africana.

Como eu disse, tudo isso está convergindo na sociedade e temos uma responsabilidade especial por causa de nossa história.

Mas hoje é uma noite para celebrar. Então, vamos celebrar.” ■

**Wole Soyinka, Escritor Nigeriano, Prêmio Nobel de Literatura.*

TROFÉU RAÇA NEGRA 2015





TROFÉU RAÇA NEGRA 2015

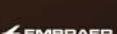
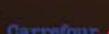
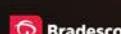
“Canta canta, minha gente”

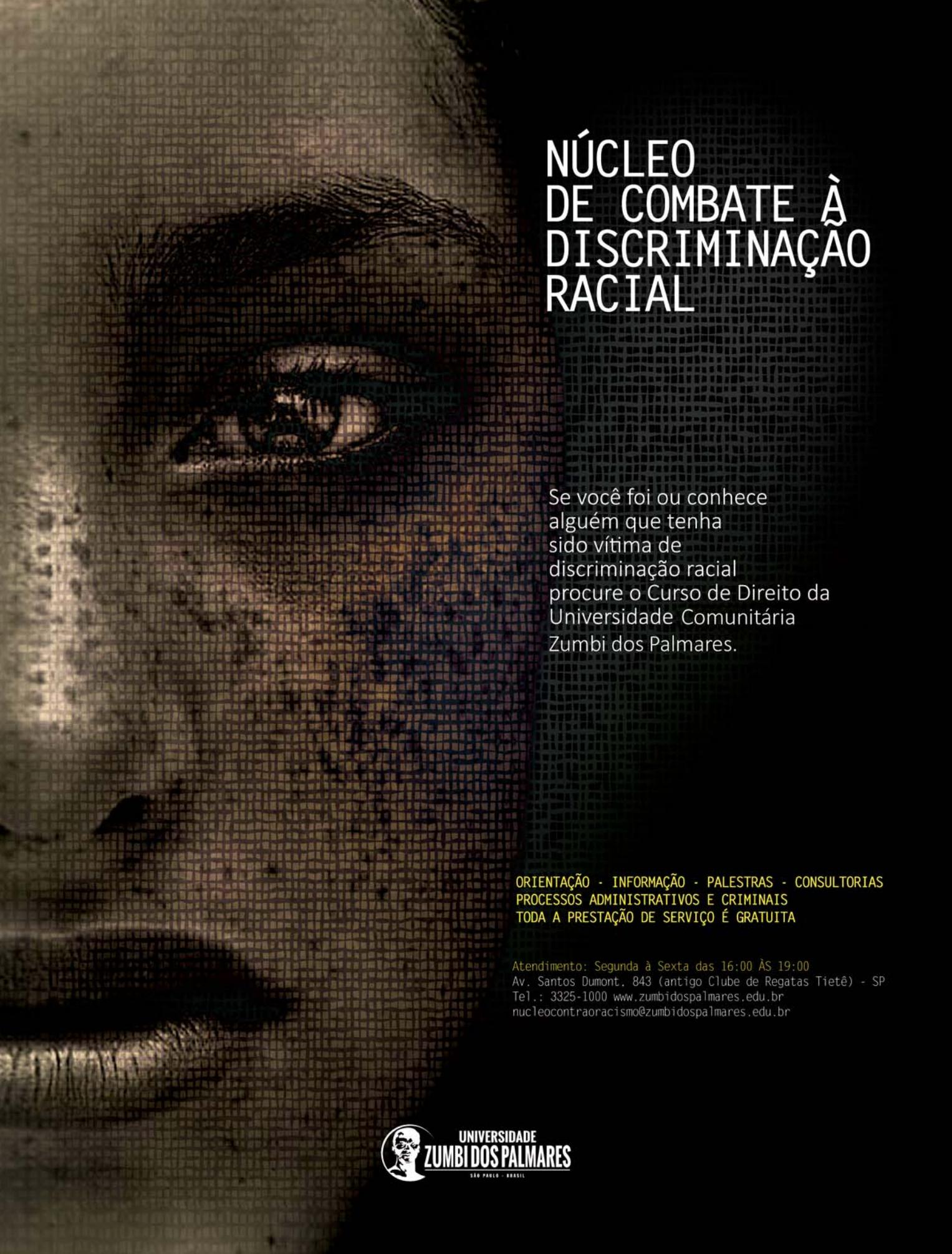
Homenageado Martinho da Vila | 15 Novembro às 19h30 | Sala São Paulo - SP

REALIZAÇÃO



PATROCÍNIO





NÚCLEO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO RACIAL

Se você foi ou conhece
alguém que tenha
sido vítima de
discriminação racial
procure o Curso de Direito da
Universidade Comunitária
Zumbi dos Palmares.

ORIENTAÇÃO - INFORMAÇÃO - PALESTRAS - CONSULTORIAS
PROCESSOS ADMINISTRATIVOS E CRIMINAIS
TODA A PRESTAÇÃO DE SERVIÇO É GRATUITA

Atendimento: Segunda à Sexta das 16:00 às 19:00
Av. Santos Dumont, 843 (antigo Clube de Regatas Tietê) - SP
Tel.: 3325-1000 www.zumbidospalmares.edu.br
nucleocontraoracismo@zumbidospalmares.edu.br

Coca-Cola®

apresenta



UMA PONTE PARA NOEL

ASSISTA EM [COCA-COLA.COM.BR/ PONTE](http://COCA-COLA.COM.BR/ Ponte)

COCA-COLA, J. WALTER THOMPSON E SPRAY FILMES APRESENTAM "UMA PONTE PARA NOEL", UM FILME DE FERNANDO GROSTEIN ANDRADE, CODIRETO RAONI RODRIGUES, COM MILHEM CORTAZ, MANUELA WUNDERLICH E GUILHERME ELY. PRODUÇÃO EXECUTIVA LUIZ FERRIANI NOGUEIRA E ROBERTA REICHAU. ROTEIRO JOSE ROBERTO TORERO, RICARDO JOHN E GUSTAVO SOARES. DIRETOR DE FOTOGRAFIA BLASCO GIURATO E BRUNO VIEIRA. DIREÇÃO DE ARTE FABIO SIMÕES, GUSTAVO LACERDA E CLAUDIA CALABRI. PRODUÇÃO MARCIA LACAZE E ANA MELO. MÚSICA LUCAS LIMA. MIGRAÇÃO DE SOM PEDRO LIMA. PÓS-PRODUÇÃO ZOMBIE STUDIO E DOT CINE. EDIÇÃO RAONI RODRIGUES, CAIO SAAD, RENAN CIPRIANO E KELVIN FREITAS.